

GARÇOM,
A SAIDEIRA!

MIGUEL GUGGIANA



Apresento-lhes Miguel Guggiana, um contista! Sua estreia mostra como ele monta com maestria um conjunto de histórias hilariantes, sentado à mesa de um bar. Ao ler os originais, houve momentos em que sorri, outros em que ri, outros em que gargalhei. Caminhei várias vezes durante a leitura, como que a tentar entender de que forma o meu amigo Guggiana conseguiu a proeza de ser tão engraçado. Mas ele não é só engraçado; ele é um “senhor” contador de histórias, que nos sequestra por horas, entre uma saideira e outra. O pulo do gato do Guggiana é fazer-se ausente, por vezes, para dar lugar a coautores inseridos inteligentemente, com o intuito de tirá-lo de enrascadas. O autor usa figuras de linguagem inesperadas, que remetem a tempos idos, que ele traz à luz, ou à meia luz, do bar. Quem conhece Passo Fundo, quem já não é jovem, há de encontrar-se com o autor nas páginas desta obra inaugural. Guggiana, Garçom e Dono do Bar, parabéns e muito sucesso.

Sueli Gehlen Frosi
Escritora.

Miguel Guggiana

Garçom, a saideira!

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 10/03/2014

Capa e ilustrações: Leandro Malosi Doro

G942g Guggiana, Miguel

Garçom, a saideira! [recurso eletrônico] / Miguel Guggiana. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-067-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Agradecimentos

Aos familiares, amigos e ao Projeto Passo Fundo, agradecemos pelo incentivo, sugestões e apoio que viabilizaram a publicação deste livro.

Eu, Miguel Guggiana, e meus personagens:

garçom, dono do Bar, padre Antão, compadre Arquimedes, Berlusconi, Anacleto, dona Dilícia, Janjão, Muammar al-Gaddafi, seu Nilo, dona Filó, Naum, Beto, doutora Fernanda, Madaleine, Blau, Aparício, Veio Natalino, delegada Helô, Mimosa, Messalina, Libertina, Doisidois Sanquatro e dona Imaculada.

*"Dor de cotovelo é pior que talho na
bunda, dói, dói, e não sara nunca."*

Autor desconhecido

Prefácio

Traz a lume, Guggiana, a sua primeira obra, *Garçom, a saideira!* Título apropriado para o tema da obra, como o próprio autor diz na apresentação: artigos, causos, crônicas e contos de bar, mais especificamente do Bar do Moa, cujo desaparecimento foi o deflagrador do processo criativo do autor, e do Oásis, exemplar ainda existente e resistente de uma outra época. Época que o autor busca resgatar com suas deliciosas histórias – ou estórias, para os mais rigorosos –, através dessas conversas de bar.

Sim, conversas, pois é com esse tom que o autor introduz os seus causos, inserindo-nos nesse ambiente onde vozes narrativas se entrecruzam – a do narrador, a dos personagens, a dos ouvintes – como numa verdadeira conversa de bar. E sobre toda essa balbúrdia, a figura impávida do garçom e do dono do estabelecimento, sendo a este último, inclusive, delegada a finalização de algumas dessas histórias.

Há, contudo, na obra, um fio condutor: os causos. Causos que têm por mote a mulher e seus conseqüências: a dor de cotovelo, a traição, os devaneios da infância com os mistérios do sexo, os casos picantes. Numa mistura de Nelson Rodrigues e Simões Lopes Neto – influência esta última nítida nesse filho de Uruguaiana, irmão do célebre poeta Paulo Cesar Guggiana –, o autor consegue extrair o melhor dessas conversas: a poesia das dores de amor do homem comum, um eterno apaixonado, restando claro para o leitor que a obra não existiria sem os encantos da mulher. Até mesmo quando disseca a alma do Triste – uma categoria muito especial das mesas de bar,



sem o qual o Bar como instituição de fato não existiria – Guggiana consegue relacionar essa tristeza com a decepção amorosa.

O livro foi gestado, não propriamente numa mesa de bar, mas na de um café. Café dos encontros do grupo do Projeto Passo Fundo, nos sábados de manhã. Então, nada mais apropriado que o título fosse esse.

Contudo, como prefácio e para início de conversa, nos cabe fazer uma incitação um pouco diferente: *Garçom, a iniciadeira!*, convidando você, leitor, a se deliciar com estes causos pitorescos.

Júlio Perez
Escritor



Apresentação

Quem lê o título imagina que o escrevente aqui é assíduo frequentador de bar. Ledo engano. O mote foi pura coincidência. Meu primeiro texto teve origem, realmente, quando testemunhei a derrubada de um prédio onde, em priscas eras, funcionou o Bar do Moa, e resgatei um luminoso da Antártica, pronto a ser engolido por um contêiner de calça.

Escrevi, então, “Coisas de Bar”, e aí se seguiram outros artigos, causos, crônicas, contos – seja lá em que gênero se enquadrem –, invariavelmente envolvendo alguma coisa a respeito desse estabelecimento; no princípio dos escrevinhados, inconscientemente, e, à medida que evolui no ofício, de plena consciência. Simples. O tema me protegia. Conversa de bar – imaginei – acolhe (quase) tudo e justifica excessos, mentiras deslavadas, destemperos verbais, e por aí afora. Acho até que exagerei nas tintas, mas... Vamos adiante!

Não viajei nas fabulações sozinho. Tive a companhia do talentoso Leandro Doro, que, por meio de suas ilustrações, deu um tempero especial aos textos. Caminho na antítese daqueles que afirmam que ilustrações inibem a imaginação do leitor, antecipando o conteúdo que as palavras guardam. Pelo contrário, entendo que as aguçam e o lançam a imaginar mais e mais.

Quem sabe o leitor não dá uma conferida? Antes, porém, um esclarecimento: os personagens e fatos busquei no cotidiano, alguns verdadeiros, muitos outros meias verdades, mas que



retratam em algum momento minhas próprias andanças e, tenho certeza, do leitor também, que vai identificar nas linhas ou entrelinhas um naco de si.

E pela minha coragem de submeter-me à sua crítica e pela sua solidariedade na leitura disto, proponho um brinde. Que tal, então...?

Garçom, a saideira!



Sumário

Prefácio	<u>5</u>
Apresentação	<u>7</u>
Coisa de bar. Estória	<u>11</u>
"O Bar do Moa morreu..."	<u>15</u>
O pecado mofento do compadre Arquimedes	<u>19</u>
As normalistas do Notre Dame	<u>25</u>
Ótica da tristeza: um ensaio literário abortado	<u>31</u>
Dona Dilícia, a Deusa do 401	<u>37</u>
Os seios da minha professora de religião	<u>47</u>
A cura da amante	<u>51</u>
Os fantasmas do Pulador	<u>55</u>
As seis filhas do veio Natalino	<u>61</u>
A saga do bisneto do Coronel Mundico	
Terra e de sua égua Mimosa	<u>71</u>
Namoro naquele tempo era assim... ..	<u>81</u>
O Bar está de luto	<u>85</u>
Os devaneios da delegada Helô na delegacia de polícia da Vila Tunda de Laço	<u>89</u>



*De temperamento indócil, ansioso, rápido, solícito, voava entre as
mesas equilibrando aquela bandeja prateada.
Só num momento parava, cristalizava, paralisava.*

Coisa de Bar. Estória

Que dia! Não sei se por falta de sorte ou por força do destino, tentei de passar ali na Moron com a Benjamim e me deparei com escombros... Tchê! Onde está o Bar da nossa estória no Edifício Morandi? Pensei: mais um prédio sem graça em detrimento a um espaço nobre. Triste fim de um espaço vivo que ainda mora dentro de mim.

Foi concebido para ser lancheria também. Não tardou e logo assumiu sua exclusiva vocação de bar. E era um bar de respeito, tradicional, com regras muito claras. Não fumante não entrava! Venda? Só de bebidas alcoólicas. Essas drogas diferentes, nem falar. Preservava a saúde de seus parceiros.

De arquitetura perfeita, espaço físico na medida, acolhia a todos confortavelmente “um em cima do outro”. Mesas dispostas de forma a livrar teimosas goteiras, probleminha de todo bar que se preza. Janelas não muito grandes, mas que permitiam visualizar quem chegasse e as movimentações externas suspeitas. Uma porta estrategicamente localizada nos fundos, sempre aberta, pronta para retiradas rápidas, que desembocava num providencial ponto de táxi. Banheiros? Dois; para damas e cavalheiros. Simples, não muito limpos, com tramelas, porém seguros. De bar!

De nada valeria isso sem um atendimento eficiente. O garçom, vivido e vivo, escutava as mesmas histórias todas as noites, sempre com mulher no meio. Às vezes, notava-se em seus olhos o desejo de sentar-se ali, beber alguma coisa e também contar a sua. Triste, como todas. Sabia das preferências de cada um. A elegante Parker 51, indiscretamente colocada no bolso do seu colete, bem à vista, comprovava, subliminarmente, sua pseudoori-



gem burguesa. Mas, caneta pra quê? Registrava tudo na cabeça. Bem gelada, pouco gelo, muito gelo, aquela pedida com os olhos, sinalizada com os dedos, com colarinho, sem colarinho. Lá pela meia-noite, assoberbado pelos pedidos e influenciado pela dose generosa e discreta da purinha que tomara, trocava tudo. E ninguém reclamava!

De temperamento indócil, ansioso, rápido, solícito, voava entre as mesas equilibrando aquela bandeja prateada. Só num momento parava, cristalizava, paralisava. Era quando a vitrola tocava “Garçom! Aqui, nessa mesa de bar, você já cansou de escutar...” Desabava num choro incontido, abraçava-se aos clientes mais próximos, balbuciando. Numa noite, escutei que murmurava baixinho: Norma, Norma... Choravam todos, solidariamente.

O bar, literalmente, vinha abaixo. Nesse momento o garçom era o personagem principal, todos o rodeavam, homens, mulheres, o porteiro, até o dono do bar. Alguns diziam “a vida é assim mesmo”, “que ingrata”, “bandida”. Um mais prático dizia “arruma outra”. Terminada a música como por encanto, todos se recompunham, desidratados pelas lágrimas, voltavam com os copos nas mãos aos seus lugares. E o garçom, como se nada acontecera, retomava sua tarefa. Mais lépido ainda, como se sua alma estivesse reabastecida.

E o repertório musical então! De primeira. Verdadeiros hinos! Compostos, musicados e cantados por gente do ramo. As preferências variavam. A turma da purinha e da ceva gostava daquelas no estilo Reginaldo Rossi, “Garçom”, a que derrubava o próprio, “A dama de vermelho”, “A boate azul”. Já o pessoal do uísque, mais finório, era chegado em Vinicius de Moraes. “Bom dia, tristeza”, com a Maysa, era a preferida. Lembrança forte. Parece que estou ouvindo os olhos verdes da Maysa cantando...

Que lástima! Não sobrou nada do estabelecimento, nem mesas, garrafas, a velha Frigidaire, cadeiras e a comanda das pen-



duras; tampouco as anotações do jogo do bicho, e muito menos a bandeja prateada do garçom. Absolutamente nada, a não ser um antigo luminoso da Antártica pendurado no poste, prestes a ser engolido por uma caçamba de recolhimento de calça. Os pinguins, indefesos, percebia-se tomados por convulsivo choro, não pelo seu fim, visto que desaparecer é inerente à vida, mas daquela forma, não. Desonrosa, degradante, para quem sempre conviveu com luzes, e do alto, testemunhas mudas e confiáveis de tanta coisa. Pura injustiça.

Agi rápido. Num átimo, negocie com os pedreiros, legítimos representantes daquela bagunça; inocentes instrumentos de destruição, quiçá antigos e agora órfãos frequentadores do nosso bar. Tomei posse daquela importante peça, única lembrança que restou e que tinha a missão de, tal qual um farol visto a distância na escuridão das noites frias de Passo Fundo, apontar o caminho seguro para aquele verdadeiro templo.

De saída, em pleno sol a pino, certamente em transe, embriagado pela aura do lugar, confuso, eufórico com o valioso troféu, agora sorrindo, sentindo um perfume barato inundar o ambiente misturado à fumaça de cigarro, escutando ao fundo as inconfundíveis lamúrias da Maysa, JURO, ACREDITEM, ouvi vozes, várias, entrecortadas, tristes, que diziam: Garçom, a saideira!

Não digo?! Coisa de Bar!





Travestido como o mais disciplinador dos militares, talvez um SS da gema, e com o olhar transfigurado, quase belicioso, determina que todos juntos, às suas mesas, perfilem-se e num unísono, sob seu comando, levantem os punhos cerrados e bradem: Garçom, a saideira!

"O Bar do Moa morreu..."

Quem leu “Coisa de Bar. Estória”, referenciando o bar que existia ali na Moron com a Benjamin Constant e que hoje está “quase demolido”, dê os devidos descontos, pois viajei muito no texto. A única coisa real e que me inspirou foi o luminoso da Antártica e a estrutura física do prédio.

O resto, o drama do garçom, a arquitetura do local, as músicas dor de cotovelo, os frequentadores, a mobília, a Maysa cantando (com seus olhos verdes), os pinguins do luminoso inseguros quanto ao seu destino, o ambiente enfumaçado, aquele perfume no ar, as vozes tristes, entrecortadas, clamando “Garçom, a saideira!”, tudo foi fruto da minha imaginação.

Mas quem frequentou o Bar, de verdade, que existiu naquele mesmo local jura que tudo aquilo poderia ter ocorrido. Esse, o verdadeiro, chamava-se “Bar do Moa”. Reinou como “point” da tardinha passo-fundense por bem mais de uma década, mais ou menos no entrevero dos anos 1970, talvez até 1985. Talvez mais. Ou mais ou menos isso. Cronologia matemática em se tratando de bar nunca vai existir. E nem deve. Fica na penumbra.

Abrigava ocupados, desocupados, turmas variadas e tristes solitários, nas mesas do seu interior e nas da frente, dispostas na calçada. Mesas de bar, ah!, como são valorizadas nesse ambiente etílico! Escutem Reginaldo Rossi cantando “Garçom, aqui nessa mesa de bar...” e o poeta Julio Perez poetando “Onde antes havia – alguém – agora só restos; tocos de cigarro, copos vazios. Onde antes havia – vida – agora, uma mesa de bar”. Estilos diferentes, contemporaneidades distintas, mas ambos lembrando o tema por meio da poesia.

Falava em mesas. Em turmas. Em tristes. As da calçada e mais próximas à porta eram disputadas pela turma dos *moronboys*, dos *joia* e dos *punks*, entre outras. Imaginem-as inundadas de garrafas, copos cheios, seus ocupantes trucidando cantoria e con-



versa alta. As do fundo, lugar mais úmido, sombrio, quente, frio, silêncio de igreja, eram destinadas aos tristes. Vazias! Quando muito um copo zanzando com uma purinha, com um triste ali, só, mas feliz por estar triste. E não gostavam de companhia. Alguém já viu um grupo de tristes juntos? O triste é um solitário.

Essas mesmas testemunhas que me conduziram a pintar o quadro inicial com seus depoimentos fizeram uma analogia entre o verdadeiro e o real. Pouca discordância.

Uma delas foi quanto à entrada de refrigerante no ambiente. Naquele imaginado não se permitia. No do Moa consumiam, sim, mas para misturar à cachaça comendo o velho “samba”, ou embalando a composição “são dois prá lá, dois prá cá”, regada a uísque com guaraná. Claro, com a Maysa. Fora disso, não mesmo.

De resto, unanimidade. A mais significativa era que o Bar do Moa, o real, tal qual o sonhado, fora um bar de verdade. Dos antigos. Com todas as qualificações de um bar que se preze, principalmente a que se refere à aura do lugar, que não se cria por decreto ou se carrega na compra do ponto, mas se cristaliza do nada. E essa marca, subjetiva, não se restringia àquele local ou se limitava ao incerto horário de seu encerramento, mas se estendia para seu exterior, carregada nas relações ali compactuadas pelas turmas ou pelos tristes. Envolviavam amor, paixão, dor de cotovelo, traições, conversa fiada... Essas coisas que só um Bar de primeira patrocina.

O passo-fundense Ricardo Camargo, certamente associado à turma da calçada, inspirado na sua própria vivência, compôs uma música intitulada “No Bar do Moa”, que nos mostra sua representatividade do contexto e do espírito do lugar à época:

*Saio às 6 horas no meu tranco
E desço a Rua Moron, Moron, Moron, Moron,
E lá no Bar do Moa encontro a turma
Do bom, do bom, do bom*

*Do bom papo e da cachaça
E a moçada bebe mais e mais, e mais...*

E por aí segue, destilando melodia...

Mas ainda existe alguma coisa por lá. Pegue carona na música, desça a Moron no tranco e pare em frente. Entre. Tapumes não serão impeditivos. À medida que passar a linha tênue entre a calçada e o ambiente interno daquele outrora templo, tente imaginar: os trinados daquela música vão ficando ao longe, e outro som, aos poucos, suavemente vai tomando conta. Pare um pouco nessa viagem feita no plano do imaginário e olhe para os lados, muita gente, milhares, todos cantando. A orquestra completa com seus artistas vestidos a caráter, de fraque em pleno sol, sob a regência de Nicollo Paganini atacando de “Tango pra Teresa”. Trágico e triste como tem que ser. E como só um tango sabe. De repente, o maestro encerra a música, enxuga as lágrimas e, abandonando sua postura sonhadora, assume a de um comandante. Travestido como o mais disciplinador dos militares, talvez um SS da gema, e com o olhar transfigurado, quase belicioso, determina que todos juntos, às suas mesas, perfillem-se e num unísono, sob seu comando, levantem os punhos cerrados e bradem: Garçom, a saideira!

Num passe de mágica, como o Bar do Moa, onde se exteriorizavam emoções, o som se multiplica, toma corpo, transfere o pranto para o céu e induz a que em todos os botecos, bares, cabarés, puteiros, do mais fino ao mais decadente, de todos os rincões, através de seus filhos, adotem, naquele mesmo momento idêntica postura respeitosa e repitam o mesmo gesto, bradando num efeito dominó: Garçom, a saideira!. Em Francês. Em inglês. Em russo. Em iídiche. Em esperanto. Em espanhol... E se propaga... E se propaga... Pelo mundo afora. E bradam... E bradam... Pelo mundo afora.

Os pinguins, os dois, não aguentando o estropício, sucumbem e, abraçados, caem de seu pedestal, lugar de honra na derradeira cerimônia. Em cima de uma mesa de bar morrem as únicas testemunhas dessa loucura!

O Bar do Moa também.

P.Q.P. não digo! Coisa de Bar.

Eu não aguento falar disso sem: por favor, Garçom, a saideira!





*De minha janela, na solidão de meu quarto, ficava de campana
espiando por entre as persianas o quintal de sua casa, mirando
aquele uniforme maravilhoso, azul, cheio de estrelas, confundindo-se
com outros, da briosa Brigada Militar...*

O pecado mofento do compadre Arquimedes

Tenho contado cada causo que às vezes nem eu mesmo acredito, imagine quem lê! Mas cada causo é um caso, e esse do compadre Arquimedes tem muito de verdade.

Estava eu lá no Bar já na décima saideira quando me dispus a fazer o compadre contar um causo. Sempre tomava a dianteira e a palavra, o que me expunha, pelo menos nas probabilidades, a resvalar nos fatos, justificando alguns exageros e até passar por mentiroso.

Conversa daqui, conversa vem, conversa dali, conversa vai, e o compadre capitulou:

– Tá bem, vou contá tudo! Tudo!, disse com voz embargada – que creditei aos efeitos do trago, mas não...

Pronto, cruzei as pernas, me aboletei na cadeira colonial do estabelecimento, puxei a garrafa pra perto, dei uma coçadinha, preparei um palheiro pra pitar e me dispus a escutá-lo.

– Graças a Deus hoje vou botar pra fora esse segredo que me acompanha tanto tempo e que me martiriza. Era gurizito inocente, branquela, esquálido podia contar os pelos pubianos, bem na época da muda, quando a sexualidade se define. Fui criado por duas tias carolas, solteironas, à revelia da rua e solitário... Imaginem que nunca participei do campeonato de cuspidas organizado pelos guris da turma da esquina... Preferia apreciar minha coleção de borboletas. Essa influência me levou a gostar de literatura, estudar línguas e adorar, adorar tocar cítara...

– Mas, compadre... p.q.p, o que é isso?!

– Cala-te, agora vou até o fim. Meu objetivo era cursar o Ins-



tituto de Belas Artes, onde pensava que poderia extravasar minha sensibilidade artística e, então, nesse contexto foi que me apaixonei por um ente de farda...

– Jesus, Maria, José! Onde estamos?

Nesse meio tempo já não era só eu que o escutava. Tava o Bar em peso arrodando-o, todos surpresos com aquela confissão. O silêncio era sepulcral, tão quieto que um peido de mosquito seria percebido. Quem diria? O Arquimedes...

Chorava, falava, bebia... Falava, bebia, chorava... Sei lá a ordem! E dê-lhe verbo...

– Pois é, nunca pensei que chegaria a esse ponto. Foi de supetão, mas estava disposto a enfrentar a sociedade preconceituosa que nunca admitiu uma relação do naipe, ainda mais eu guri, tchê! Não tinha com quem repartir essa insídia. Com minhas tias? Nunca! Morreriam quando soubessem. Colegas? Viraria chacota. Professor de balé? Talvez compreendesse. Com o padre? Correria risco.

– É de não acreditá! Puta merda, não pode ser... Que vergonheira.

O cuidado em manter o silêncio era tão grande que até mesmo o garçom ia para a calçada abrir a cerveja, para evitar que o “ploc” desviasse a atenção do público e para que todos se mantivessem focados naquele lamentável depoimento.

– De minha janela, na solidão de meu quarto, ficava de campana espiando por entre as persianas o quintal de sua casa, mirando aquele uniforme maravilhoso, azul, cheio de estrelas, confundindo-se com outros, da briosa Brigada Militar, tremulando no varal... Meu sonho era aninhar-me em seus braços e ser conduzido através de suas mãos experientes ao meu primeiro coito, fossem quais fossem as consequências. Estava disposto a enfrentar a sociedade. Sua condição de militar me seduzia.

– Para, compadre, para... Para!!! Chega!!!, gritei, interrom-

pendo-o, já arrependido da atitude republicana de tê-lo incentivado a contar um caso e com receio de que o desabafo de característica terapêutica de sua catarse comprometesse sua figura e a do Bar, até então ilibadas. Fosse procurar o catre do Freud, o Pai de Santo da Casa...

– Silêncio. Agora vocês vão me escutar! Felizmente, não levei adiante aquela loucura. A tragédia poderia ser grande, um rio de sangue poderia correr. O assassinato de um infante: eu.

– Per che? Per che?, animou-se a perguntar Berlusconi, um italiano loquaz, único representante do Oásis, a quem foi permitida a entrada para testemunhar aquele terrível fato, pois se tratava de bar concorrente. Se quisessem mais espaço, que criassem suas próprias histórias.

– A mulher era casada! De papel passado!, cuspiu Arquimedes.

Bah! Ohhhhhhh! COMO ASSIM? Este é o Arquimedes que eu conheço! Ufa! Porrrra! p.q.p., meu São Jorge!... eram algumas das exclamações dos distintos frequentadores daquela Casa.

– Como uma mulher? E a farda?, perguntou Cachoeira, o apontador do jogo do bicho do Bar, incrédulo.

Eu não podia falar, estava engasgado, em estado de choque... Ainda bem, dizer o que daquela quase pouca vergonha!?

– Sim. Era minha vizinha, a Irmã Dilma, capitã do Exército de Salvação. Adorava aquela mulher, e o fetiche daquela visão fardada me levava a inspirações lúbricas e que terminavam em prática pouco convencional que diziam enlouquecer, criar cabelos nas mãos e espinhas no rosto. Pecado mofento à época. Pura lenda, pura lenda. Sou destro, e se isso fosse verdade, teria que fazer a barba na mão direita com a máquina de cortar grama, tal era a frequência com que pecava. Imagine a cabelama... Espinhas? Meu nome seria Cactos, e não Arquimedes. Louco? Contava até três



sem pensar... Peraí, por favor... Consciência...

Nesse interregno de tempo o clima do Bar voltou à sua normalidade, e seus frequentadores, já com suas feições relaxadas, comemoravam o epílogo épico do caso que enriqueceu ainda mais o currículo do Arquimedes e manteve incólume o conceito do estabelecimento.

Mas... Epílogo bosta nenhuma, sempre tem um pentelho. Do nada surgiu o Anacleto, o joãozinho do Bar, que no fundo, no fundo queria ver o nome do compadre na rua da amargura, rugindo peçonhamente:

– Mas e a farda da Brigada?

Fez-se silêncio por meio segundo... Sim! Outros retumbavam em cascata... E a farda de brigadiano? E a farda de brigadiano? Queriam o quê? Ver sangue. Tragédia bolivariana. O falecimento moral do Arquimedes. Plantar uma nódoa suspeita em seu passado até aqui glorioso. Abrir uma chaga cancerosa em seu peito. Transpassar seu coração com uma lança farroupilha enferrujada. Coisa de louco, partindo de seus pares do sodalício.

Todo o Bar voltou ao suspense quanto ao que viria. Os ruídos sossegaram novamente esperando a manifestação do Arquimedes. Alheio àqueles desejos mórbidos, fazendo pose de pensador francês de boteco, tal qual Voltaire, Diderot, Montesquieu, uma mescla deles, o compadre disparou, compenetrado:

– O marido era brigadiano da ROTA de Passo Fundo e diziam que ruim de gênio, tchê... E continuou: foi melhor parar... la sobrar pra mim. Minhas tias carolas diriam que é um pecado mofento, inafiançável. Vivia com a perspectiva de virar louco da capela e espinhudo. A mão já é um pouco cabeluda, tchê! Mas foi bom desabafar!

E olhando longe que nem cavalo imigrado aperfeiçoando ainda mais a postura francesa, como que pescando o passado, sibilou ainda, erguendo as sobranças e em tom de segredo, a

quem quisesse ouvir:

– Pra encurtar a prosa, digo que era uma mulher linda como poucas, tchê! Melhor, só doce de mãe. E aí! Tá mudo? Fala! Gostou do caso, tchê?, explodindo em gargalhadas.

No meio da balbúrdia retomada e ainda apatetado, tentando reunir as ideias, consegui a muito custo sinalizar para o garçom:

– A saideira!

Deus do céu... Tem cada uma, que parece duas...





Saíam da Escola Normal aos bandos, de quadrilha, em condições de normalidade, mas como que por encanto e para o meu encanto, depois de poucas braças...

As normalistas do Notre Dame

Essa imagem me acompanha até hoje. Calma, calma... Já conto. Passa a garrafa...

Mas primeiro, alerta: os fatos, tenho certeza, quase absoluta convicção, poderiam ter acontecido mesmo, e o tempo já há muito decorrido, acho que foi lá pelos anos de mil novecentos e tantos... Enfim, essa imprecisão pode me levar a pequenas incorreções ou exageros.

Era minha rotina diária esperá-las, chovesse ou fizesse sol, com sabatina marcada ou não, campeonato de quem mijava mais longe, jogo de bolita, o que fosse. Nada, nada era motivo para não estar ali, ainda infante imberbe, encostado como já disse, só bispando.

Pra quem não entende o que quero dizer ou não me entendeu até este momento, refiro-me às normalistas do Colégio Notre Dame. Não sei por que tinha que ser normalista de colégio de freira. Um dia, talvez em outra vida, procure o doutor Freud e tente esclarecer essa fixação.

– Colega do Fermino no São Vicente?! Se formou com o Élton?, perguntou um dos frequentadores do Bar.

– Meus Deus, vivente, escute quieto! Confesso que foram meu sonho de consumo na época. Egoisticamente queria todas elas só para mim, independente de graduação, de altura, de ser gorda, a magra, a que tirava nota baixa, a cdf que só tirava nota alta, mas desde que paramentadas com aquele uniforme e o corpo



inundado de Leite de Rosas. Agregando combustível às figuras, de quando em vez, o sopro de uma brisa a eriçar-lhes as penugens dos pescoços desnudos pelo penteado em coque. Pelinhos imperceptíveis dançando “La Cumparsita” naquele palco singular. Só vendo... Era de matar. De morrer, metaforicamente.

Saíam da Escola Normal aos bandos, de quadrilha, em condições de normalidade, mas como que por encanto e para o meu encanto, depois de poucas braças, se transformavam de meninas em mulheres, com aqueles lacinhos no pescoço, os sapatinhos pretos, os carpins brancos, as saias pregueadas. Ah! As saias! Tu não vais acreditar, encurtavam ao longo do caminho uns bons centímetros.

Independentemente de onde moravam, a praça era uma passagem obrigatória.

E eu ali encostado... Na espreita... Só no disfarce. De longe percebia a chegada delas: o calçamento de paralelepípedos tremia ao passos delicados daquelas rosas de todo ano esbanjando sensualidade à flor das pernas, e eu, naquela posição privilegiada, via em primeira mão o transitar de suas donas.

Gambitos

Roliças

Torneadas

Não importava caminhando...

Daquele jeito, com trejeitos

Arrulhando sensualidade

Balançando as ancas

Pra lá

Prá cá

Prá lá

Prá cá

Num movimento perfeito.



Sem exagero, os pássaros desapareciam, as flores murchavam, o comércio parava, a turma do Oásis babava, o pároco fazia o sinal da cruz, a cuscoma interrompia o coito na grama, o praeiro paralisava, a dupla de pedro e paulo batia continência, o chofer do ponto recusava corrida, o alto-falante emudecia, os postes de luz curvavam-se em mesuras. Perdiam a razão, sucumbiam. O mundo da praça se transformava em um rio de mel. Coisa de cinemascope! De cinemascope!

Eu não... Infante imberbe, mas sabia o que era bom, mantinha a linha de raciocínio incólume. Eu pecava. Muitos, vários, de todo o jeito, individual, coletivo, com todas, sem discriminação, imaginando mais de mil deles, todos mortais. Mortalíssimos. Pecaminosos. Lúdicos. Lúbricos.

Esse tipo de pecado é bom, mas tem seu preço. Acabei me martirizando demais e andei, como penitência, pensando em bobagens, como suicidar-me tomando Fanta Uva com chá de losna, vender Avon em Brasília ou, imagine só, até trabalhar de missionário mórmon na África.

Sim. Tá... Já te respondo. Escute. É evidente que estou vivo e que não abracei nenhuma daquelas atividades. Sabe quem me salvou? Um padre. Verdade!

Achei que estava pecando demais e procurei um, era só atravessar a rua, bem defronte à praça. Nunca tinha pisado naquele templo, mas a possibilidade de fritar no inferno me impelia a procurar o caminho da salvação.

No confessionário descarreguei umas duas horas de pecado, sem parar, isso que me esqueci de alguns e outros omiti completamente. Desconfiado que não teria nenhuma recriminação, nada de fogo do inferno, nem expulsão da Igreja, nem cancelamento de meu batismo, intentei de dar uma olhada para dentro daquela casinha. O padre chorava! Chorava a cântaros. Aparava as lágrimas em uma bacia. Rapaz, que situação!



Podia ser infante imberbe, mas pra burro não servia... Percebi logo que aquele com vestes diferentes era um homem como nós, solidário e irmanado nos mesmos pecados. Não titubiei, assumi a direção espiritual, arranquei o escapulário de suas mãos, fiz um gesto em direção a sua frente e disse: Ego absolvere at me absolvere! Ego absolvere at me absolvere!

Foi um santo remédio! Eu mesmo perdoei nós dois! Só recomendei: não espie mais as gurias do Notre Dame, pode dar uma recaída... E para não deixar barato, mandei rezar duzentas e dezesete ave-marias como expiação socioeducativa.

Elas eram, como vou te dizer... Poderosas! Explosivas! Diabólicas! Resumindo? Cruza de poesia com perfume! Tá bem!

Bah! Tens que perguntar isso? O latim? Não, eu nunca estudei, mas naquele momento me brotaram aquelas palavras não sei donde. É como eu disse... Faz tanto tempo que posso ter agregado algum valor ao fato que poderia, com convicção, quase certeza, ser verdade ou não. Ou não dessa forma. Ou mais ou menos assim.

Mas cá entre nós, eram lindas. Ainda as vejo coladas na minha retina caminhando...

*Daquele jeito, com trejeitos
Arrulhando sensualidade
Balançando as ancas
Pra lá
Prá cá
Pra lá
Prá cá
Num movimento perfeito.*



Sei. Estou sendo repetitivo. Quando bebo fico chato, reconheço...

Bueno, parceiro, já está tarde, a prosa no Bar está boa, mas tenho que ir. O padre? Fica pra outra oportunidade.

Ah, me desafia a mais uma? Tá bom, então: Garçom, a saideira! E retomando o caso o padre, junto com o bispo...





*Agora, para um triste desta laia, glória maior seria só se,
por sorte, tivesse dolorosa morte sufocado por tristeza
estatelado numa mesa de um bar...*

Ótica da tristeza: um ensaio literário

abortado

Será este um ensaio ou um triste clássico? Tenho lá minhas dúvidas. De todo modo, a tristeza é um tema que me seduz. Pensei em escrever alguma coisa a respeito, pensando buscar mais o lado científico, suas causas, seus tipos, suas dúvidas, sexo, intensidade, procurando inspiração em algum poeta especializado, talvez nos estudos de Freud e Yung, possivelmente lendo *Marimbondos de fogo*, de José Sarney. Desse dizem que é “uma tristeza só”. Talvez pudesse me dar pistas.

Desisti dessa linha. Razões? Despreparo para assumir essa intenção acadêmica e sérias dúvidas de que o tema proposto, etéreo, subjetivo, fugaz, aceitaria amarras. Entendo também que poderia ficar sugestionado a assumir outras ideias, que não as minhas, maculando, portanto, a originalidade e fechando a possibilidade de futuramente ditar jurisprudência no assunto.

Busquei, então, inspiração em observações, na tristeza pessoal, alguma coisa que já li ou ouvi do dia a dia, invocando a lembrança dolorida, amarga do fantasma de uma mulher viva ou, ainda, a dor do açoite de uma desilusão. Nessa direção, me alimento da tristeza necessária para divagar sobre o tema. Não esperem, portanto, uma linha racional no decorrer do texto.

A rigor o triste é um solitário. Observem. Estão sempre sós. Já viram um grupo de tristes? Alguns, como os tristes egoístas, trancam-se em casa, em uma biblioteca, ambientes silenciosos



e curtem, egoisticamente, sua tristeza, indiferentes ao mundo exterior. A tristeza lhes sobe à cabeça. Quando estão definhando em seu estado preferencial, alimentam-no através da música e de lembranças, tanto as reais quanto – e especialmente – aquelas que gostariam de ter, como se sons e reminiscências os reanimassem a assumir, novamente, sua intensidade máxima. Seria como se injetassem tristeza na veia, preferencialmente. Num dia de chuva para essa transfusão, além da companhia de Wando, Nelson Gonçalves, Maysa, entre outros, desde que especialistas no assunto. Enfim, gente do ramo.

Bem, lembranças cada um tem as suas. Desde que envolvam mulher! Ah, mulher!

Outros, como os poetas, exteriorizam seu estado de espírito. E gostam disso. Tanto que escrevem e divulgam, apresentam tristeza efêmera, lampejos, laivos dela. E aí, quando nessa condição transitória, criam, sonham, escrevem os mais belos poemas.

También en esta línea de la transitoriedad incluem-se os dançadores de tango, que, na lida, assumem uma tristeza fina, distinta, trágica, como um bom tango argentino, y representan em suas feições cara de choro de lágrima. Sin precedentes, tango y bailarín!

O triste social, esse dá tristeza! Coisa mais triste este triste cantando “Parabéns pra você”. Ou apagando velinha! Ou sendo o orador da turma! Mestre de cerimônia! Ninando criança! É PATÉTICO!

E por aí afora poderemos citar inúmeros tipos.

Agora, o perfeito, o inimitável, o raro é o triste de Bar. Podemos chamá-lo, academicamente, de “o triste clássico”. É o triste em seu estado de pureza.

Quando falo em bar, falo em “Bar”! Pode ser o do Moa, da

Tia Carula ou do Moulin Rouge! Esse mesmo. O de Paris. Ah! E o maior deles, o do Cassino da Maroca. Nesse nível. Travestido de chinelo de dedo ou fraque.

E esse é o palco desse singular.

Ele, como sempre, solitário.

A mesa, a do fundo.

Luminosidade, penumbra.

Bebida, amarga.

Cor, roxo luxúria.

Roupa, cinza.

Sorriso, esgar.

Atmosfera, umidade.

Olhos, olheiras.

Doença, cigarro.

Lembrança, de mulher.

Ah! Mulher! Mulheres, todas... Dele, nenhuma.

Esse tipo é um grande dissimulador.

Fala, sem dizer, que sofre ou sofreu por amor.

Olha, falando que foi desprezado,

ou que não preza ninguém.

Melhor ainda, traído.

Pior, nunca traiu.

Verdade, mentira, ninguém sabe.

Mas fica o estigma, construído.

Esse conjunto de condições e tipos e o componente principal, indispensável que traz alma ao assunto – mulher –, completa a obra e repercutem à estatura do triste. Fora desse contexto, tristes comuns. Simplesmente tristes. Sem querer desmerecer.

Esse tipo “clássico” é muito valorizado pelos bares, porque



contribuem para com o lugar tanto que até liberam o garçom eventualmente para que escute suas raras confidências ou penduram indefinidamente a sua conta. Em troca, ostentam sua figura, com exclusividade, para completar a aura do estabelecimento e qualificar mercadologicamente o negócio. Contrato constituído entre as partes de forma tácita, subscrito pelas linhas tortas, sinuosas da melancolia. Sem esse é um bar, e não um “Bar”. Bar sem triste, onde se viu! Completam-se. É QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA.

Como sempre, entra e sai silencioso, descolorido, esgueirando-se entre as mesas. Nesse movimento, o piso é a passarela. Não caminha, levita. Nesse momento, a balbúrdia, a algazarra, a cantoria cessa por segundos, em respeito quase reverencial sempre que desfila, escondendo-se para ser visto, embora sob holofotes, e da massa insana dos comuns pode-se ouvir os murmúrios: “é o Tristão”, “o triste do Bar”, “mora no Bairro Tristeza”, “separou-se da Alegria”, “teve um caso com a Soledade”, “flerta com Dolores”, “desprezado pela Vitória”.

Gosta desse reconhecimento. Explode de tristeza.

*Agora, para um triste desta laia,
glória maior seria só se, por sorte,
tivesse dolorosa morte
sufocado por tristeza
estatelado numa mesa
de um bar, a do fundo
com certeza.*



Viram? Já não domino mais as palavras, que saem em desalinho. Encerro por aqui. Não posso continuar. Sinto-me fragilizado de escrever sobre isso. Opto por curti-la. Preciso de silêncio e paz, ler alguma coisa, escutar uma música e talvez puxar lá do âmago algumas lembranças de mulher, por certo. Capítulo!

É demais para eu falar de tristeza, senti-la é o máximo, e co-roá-la tomando uma gelada, melhor ainda!!! Garçom, a saideira!!!





Pessoal, irmãos de trago, que mulher! Que mulher! Já tinha passado a melhor idade, talvez uns trinta e alguma coisa...

Dona Dilícia, a Deusa do 401

Pois é... Pois é... Bons tempos aqueles do Bristol, período importante na minha vida, um verdadeiro divisor de águas, quando passei do ostracismo aos píncaros da glória. Já conto... Já conto...

Até os quarenta sempre fui sujeito sem expressão, de vidinha gris, meio que não existia, talvez por ter dedicação exclusiva ao ócio, sem tempo para o tal do trabalho e convívio social. Minha vida foi sempre marcada por pequenos e sucessivos insucessos. Imaginem que, quando gripados os meus irmãos tomavam, por recomendação de mamãe, chazinho de camomila com açúcar. Pra mim, era supositório com alho, tamanho GG. Os livros, que passavam de mano pra mano, quando chegavam em mim, continham só a capa. Fui atropelado por uma Kombi numa procissão, arrumei uma amante argentina, e por aí vai. Coisas assim, pequenas, mas que marcavam a minha invisibilidade. Meu apelido no colégio era Nota Cinco, nem pra frente nem pra trás. Pra completar, papai nos deixou cedo e de uma forma singular. Fazia parte da nossa gloriosa FEB na famosa participação dos brasileiros, tomada do Monte Castello, na Itália, quando inventou de se jogar nos braços do Senhor. Morreu em plena refrega, tiro de canhão pra tudo que era lado, combates corpo a corpo, metralhadoras cuspidando bala – a Batalha do Pulador, mal comparando, seria briga de aluna de colégio de freira na hora do recreio. O veio resolveu comer uma rapadura puxa, se engasgou e deu o fedegoso. Acidente, mas tinha que ser na latrina da trincheira?! Uma legítima cagada mortal!!!



Eu não disse? Fui um bostão. Mediocre até na tragédia. Até que... Até que... Mamãe morreu. Aí comecei a melhorar de vida. Ganhei de herança um quarto e sala no Edifício Bristol e uns pilas mais ou menos da aposentadoria da veia. Não esqueçam que papai foi pracinha da FEB.

Não quero ser injusto, vendi para um antiquário por uns bons trocados o bonezinho de meu progenitor, com aquelas medalhas todas... Espólio também. Caiu em boa hora, devia pro Capone uma dívida de jogo.

Bem, bem... Numa manhã tava lá no seio de meu lar, quando apitaram no apê de forma insistente. Pim-pim, brimmm-brimm, plomm-plomm – o tipo do som não vem ao caso. Eu ali, na boa, de cueca samba-canção, camiseta de física da Hering, chininho de dedo, num bafo desgraçado, à vontade, à vontade... Tinha acabado de anotar uma receitinha da Ana Maria Braga, preparando-me pra fritar uns lambaris pra comer acompanhado de uma gelada, meu café matinal, quando a tramela da porta de meu único bem patrimonial foi implodida por uma tropa de ferozes lanceiros maragatos, comandado por Gomercindo Saraiva, saídos diretamente de um livro do Monteiro, essa a impressão que tive. Adentraram ao ambiente. Eu me sentindo um merda de um chimango, encuralado num quarto e sala do Bristol, sem arma branca à mão, com um trabuco desmuniado e entrincheirado em cima de um formigueiro, fui jogado pra cima de meu toca-discos que no momento tocava Agnaldo Rayol. Meretriz fezes, meretriz fezes, que situação! Se pelo menos fosse no mano a mano, vá lá!

Ainda bem, ainda bem... Não era nada daquilo que pensara. Tratava-se do pessoal do conselho consultivo do prédio invadindo aquele recinto, uns dez mais ou menos, e me pedindo por favor



para eu assumir o cargo de síndico; que confiavam na minha capacidade de administração e nos meus dotes diplomáticos, e mais outras qualidades que nem eu mesmo imaginara ter. Aboletado naquele trono, chorei, chorei, emocionado. Até que enfim estava sendo reconhecido. Parecia ver mamãe lá do alto, sorrindo, vendo seu filho guindado a um alto posto de forma unânime pelo povo do Bristol.

Sentadão, naqueles trajes, ali mesmo assinei uma papelada, uma tal de ATA. A partir daquela cerimônia, de bainha passei a punhal, me agrandei. Aquela tropa maragata, assim como veio, retirou-se, não dando nem tempo para eu agradecer tamanha honraria. Bateram em retirada, me deixando um bilhete que o Janjão, o agora antigo síndico, havia escrito no hospital para o seu sucessor. Parece que o Janjão tinha tido um ataque dos nervos, tava quase escorregando para o além, tal a gravidade de seu estado. Hoje dizem estresse agudo. Consegui ler o que parecia ser uma ordem do dia da próxima reunião de condomínio. Olhem só:

- Acabar com o jogo de truco no hall de entrada do prédio
 - Retirar ou não doze gatinhos recém-nascidos de dentro da churrasqueira do salão de festas?
 - Denunciar ou não a maconha que o condômino do 801 havia plantado em vasos na sacada?
 - Implantar bafômetro na entrada do elevador
 - Encaminhar o Muammar al-Gaddafi para o conselho tutelar
- Ah! O disco do Agnaldo foi pro espaço. Sem mais perguntas. Será possível? Já vão começar?

Como já era quase meio-dia, tava pensando em comemorar comendo um pato com farofa e tomar uma Gazapina no bico, quando... Toc-toc-toc-toc.



– Tem uma senhora lá embaixo com uma mudança, vai ocupar o 401. O senhor desce lá?

– Sim, sim, claro, respondi louco pra mostrar serviço.

Como é que ia descer só de cueca samba-canção e camiseta de física?! É lógico que pus a bombacha. Se fizerem outra pergunta tomo a minha saideira e não conto mais o causo!

Pessoal, irmãos de trago, que mulher! Que mulher! Já tinha passado a melhor idade, talvez uns trinta e alguma coisa, baixotinha, meio gordinha, cambotinha, canos das botas meio palmo acima do joelho, cabelinho de franjinha tipo Cleópatra, oclinhos de gatinho, tetas fartas, bundinha de aranha, completa. Figura capaz de fazer manequim de loja de turco babar. Sem exagero, sem exagero, um verdadeiro miosótis naquela selva de pedra.

Gente, essa aí que eu descrevi é nada mais nada menos que a Dona Dilícia, a Deusa do 401. Se vocês virem uma parecida aí pela rua, aproveitem, tirem xerox, e colorido. São raras.

Logo, logo, eu e outros voluntários, levamos a tralha no muque até o apê. Naquele momento ela tinha esquecido a carteira e tava sem dinheiro para pagar o frete e ajudantes. Mas isso é coisa material, de menos importância, quando se trata de um ser de outro mundo. Ali mesmo fizemos uma ação entre amigos e pagamos a conta.

– Obrigada de coração, seu síndico... Entre, entre, venha tomar um cafezinho, gemeu Dona Dilícia.

Olhem, às vezes, como no caso, vizinha boazuda é a solução, e não o problema. Ajudou-me demais na administração do prédio, tornando minha empreitada leve que nem arrotto de miss.

Posso dar vários exemplos pra vocês. O Muammar al-Gaddafi, gurizinho terrível, filho de um casal de sírios da ala esquerda do prédio – passaria em primeiro lugar se houvesse concurso pra diabo – tava me dando um baita dum trabalho. Imaginem, peidava



em balões, desses de aniversário, e soltava nos corredores para os gatos brincarem. Isso aí não é nada. Um dia o meliante pichou o Jeep verde-abacate do seu Nilo com spray amarelo-butiá. Mas, esperem, esperem, escreveu em letras garrafais “veio broxa”. Pra quê, pra quê... Queriam mandar o guri pro conselho tutelar. Por mais que eu explicasse pro seu Nilo que, embora o escrito fosse a mais pura verdade, não se justificava a atitude, tal e coisa e coisa e tal, não consegui acalmá-lo. Dona Dilícia, me vendo em apuros, determinou que mandasse os dois envolvidos, um de cada vez, até o 401, pra um cafezinho.

Santo remédio! Seu Nilo, com olhos brilhantes, à saída da reunião balbuciava:

– Deixa pra lá, isso é coisa de piá, temos que ser condescendentes com a nossa juventude.

Já Muammar al-Gaddafi converteu-se imediatamente à religião, pregando a palavra de Deus no prédio, tendo como sua referência religiosa o Pastor Feliciano.

Claro, volta e meia, meia e volta, tinham os dois que tomar um cafezinho com a Dona Dilícia, como que renovando seus votos.

Assim como ela dava, ela recebia. Uma mão vai, outra vem, essa é a lei das coisas. Quando ela descia pra pegar a correspondência era uma correria só. Dias mais frios, de chambre de seda vermelha, fresquinhos, de peignoir, calorentos, de baby-doll. Mas sempre com alguém do lado levando as cartas de forma que ela não carregasse peso ou segurando a barra do chambre de modo que não roçasse no piso frio.

O seu Jorge, produtor bem-sucedido de galos pra terreiro de macumba sempre deixava algum na porta do 401; o dono da padaria, um saquinho com pãozinhos quentinhos. Tudo com discrição. Eu, por exemplo, levava sua Brasília vermelha pra abastecer. Outro consertava o chuveiro, e assim toda a comunidade de calças pro-



cedia. Não existia ciumeira boba entre nós. Dona Dilícia era uma mulher comunitária, compartilhada no mais puro sistema de cooperativismo.

Ah! Querem mais exemplos? Bem, bem, a coisa fedeu quando o dono do 707 correu esbaforido, gritando que sua cobra jiboia de estimação tinha fugido. Que coisa, ainda bem que o pitbull pernetta do 303 que tinha perdido uma das patas numa briga com Fariseu, o gato da mulher da limpeza – localizou o réptil dentro da churrasqueira do salão de festas. Acuada, sem opção, a cobra atirou-se lá de cima, suicidando-se. Até aí nada demais, mas o bicho, pesadão (lembram dos doze gatinhos...? Pois é, já eram...) caiu em cima do para-brisa do Gordini da jararaca do 602, língua de trapo do prédio, Dona Filó. Hummm! O chefe dos bombeiros já ia anotando a ocorrência – ia sobrar para o síndico – para acionar o Ibama quando Dona Dilícia, lá da sacada do 401, assoviou para aquela autoridade, fez um sinal de positivo e a coisa nunca deu em nada.

Que poder desta mulher!

E tinha um coração grande, enorme... Uma tarde dessas desce pelas escadas o seu Naum, lá do 1002, corrido pela Sara, sua esposa. Que cena, aquele oitentão, de pijama listrado, gorrinho de lã, pantufas, com um saco quase tocando nos degraus da escada, em prantos. Patético, patético. No saco de plástico que portava, desses de super, continha a prova do crime. Um binóculo através do qual espiava as gurias do prédio vizinho que tomavam banho de sol peladas. Não era justo, esse pobre homem, sofrido em sua mocidade nos campos de concentração de Auschwitz, por um desvio de conduta justificado, ser atirado à sarjeta nessa fase de sua vida. E mais: passava açúcar em seus olhos com a vizinhança, ora, ora... Outras são outras... Sempre fora respeitoso com as mulheres do Bristol. Sara fora injusta, desumana para com o seu companheiro. Pagaria por esse desaforamento. Bueno, vocês já sabem o que ocorreu. Foi isso mesmo, isso mesmo... Não passou



do quarto piso. Homiziou-se no 401 por uns dias. Não queria sair mais de lá, mesmo depois que uma comissão conseguiu convencer a Sara a recebê-lo de volta, o que acabou acontecendo. Viciou no cafezinho da Dilícia.

E tem outra... Essa é de matar! Os irmãos gêmeos chineses, o Chixi Nomuro e o Kagana Kara, feirantes, ocupantes do 711, passavam o tempo todo brigando. Mas os jaguaras não lutavam dentro do apê, diziam, pra não quebrar a louça e os móveis de sua propriedade. Adotaram os corredores e a escada do Bristol para as contendidas. Terciavam ferro, utilizando de sabres que ganharam de herança de seu pai que trabalhara durante um bom tempo de samurai para o coronel Curió, na Serra Pelada. Mas faziam questão de lutar dentro das tradições de seus ancestrais. Vestiam quimonos amarelos, faziam aquelas medidas todas, aquelas caras de brabos, e xingavam-se em mandarim.

Um dia passaram dos limites. Lembram-se do Muammar al-Gaddafi? Pois é, o guri tentou pregar a paz através da palavra de Deus num desses entreveros e sobrou pra ele. Levou um talho na bunda. Pra quê, pra quê... O espírito do Pastor Feliciano tomou conta daquele servo juvenil, que acabou puxando um canivete de escoteiro, que escondia dentro da Bíblia, botando os chinos a correr.

Ah, não! Dilícia chamou os dois juntos, eram gêmeos.

Vem, entrem, vamos tomar um cafezinho!

Hehe! Até hoje me lembro dos irmãos saindo sorrindo em chinês, fazendo medidas até pra gatos e cães que encontravam, completamente domados. De quando em vez, pediam que intermediasse uma nova visita.

Suas intervenções foram inúmeras... Bah! Perdi a conta. Mas... Mas... Tragédia! Num dia fatídico nossos corações foram literalmente cortados por uma motosserra, sem anestesia. Dilícia anoiteceu e não amanheceu, fugindo com um dos nossos, amigo da onça, traidor, f.d.p., usurpador de sonhos, que a seduziu com sua lábia e vigor, deixando um rastro de débitos a pagar com a



comunidade que lhe reverenciava e com a entidade jurídica que a abrigava. Doze meses de condomínio pendentes, e por aí vai.

– Abraham Lincoln sempre dizia “free coffee doesn’t exist!”, murmurou Beto, o letrado.

Não respondi a esse metido mesmo porque não entendo nada de francês. Deixa pra lá.

(Tu aí que tá lendo este caso não tá vendo, mas mal consigo continuar... O pessoal todo do Bar, atento, embevecido. Um incentivo a continuar. Pena que tu não tá aqui junto comigo pra conferir o entrevero).

Bueno, continuando, sem a nossa Deusa, verdadeira filha da noite, o prédio retomou sua condição de selva de pedra, tornando-se verdadeiro sarcófago, aprisionando espectros humanos, defuntos inconsoláveis, esqueletos tomados de osteoporose, desolados, presos por correntes de aço em lápides frias, choramingando não pela perda de meia dúzia de pilas (isso se recupera), mas viúvos de um conceito de mulher travestida de Dilícia, que sorria, falava carinhos, olhava com promessas, afagos e servia um cafezinho como ninguém. Isso não tem preço!

Sabem a música que o Agnaldo cantava, naquele finado LP de estimação? Escutem...

*Lembro de um olhar
Lembro de um lugar
Teu vulto amado
Lembro um sorriso
E um paraíso
Que eu tive ao teu lado
Lembro a saudade
Que hoje invade os dias meus
Para o meu mal, lembro ao final
Um triste adeusssssssss.....*



Mas peraí, peraí... Não chorem... Não entrem em pânico... Quando uma mulher vai, outras vêm, às vezes com vantagem. Nessas situações é que me lembro que alguém disse com muita sabedoria: “mulher, patrão e cachaça em qualquer canto se acha”. É de não acreditar... Não é que a Libertina, esposa do Janjão, inventou de assumir o lugar da Dilícia, e num dia eu...

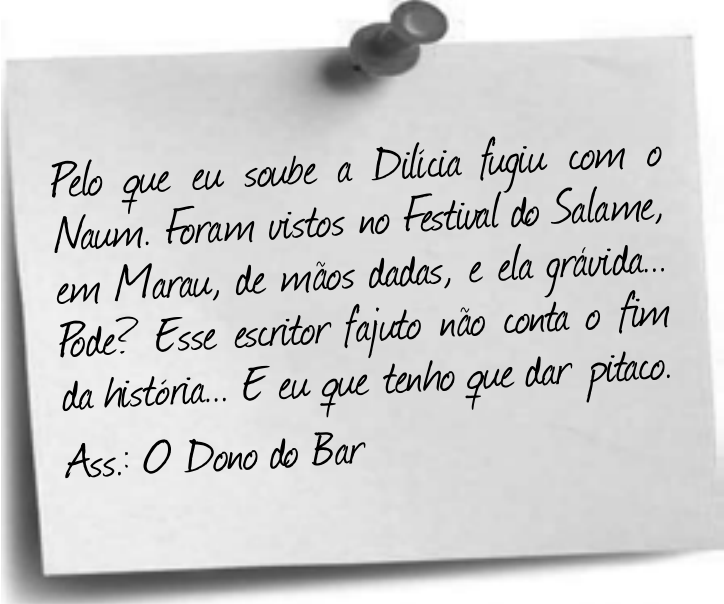
– Por favor, por favor, só uma pergunta? Nem sei quem é o desgraçado que se pronunciou aí.

– Fala, tchê! Sou um falso democrata, detesto diálogo com personagem.

– Tinha bolinho de chuva no cafezinho da Dilícia? Chimia?

– Pessoal, deixa pra lá, por hoje chega. Tem cada uma!!

Garçom, a saideira!



Pelo que eu soube a Dilícia fugiu com o Naum. Foram vistos no Festival do Salame, em Marau, de mãos dadas, e ela grávida... Pode? Esse escritor fajuto não conta o fim da história... E eu que tenho que dar pitaco.

Ass.: O Dono do Bar





– Menino, leia o trecho de um dos livros do Pentateuco.

Os seios da minha professora de religião

Garçom, a saideira! Gazapina!

Me ajuda nesta, juro que é a última! Não! Nunca vi o Rio Passo Fundo recusar água. Que tal o estado aqui do parceiro de mesa?

“Dicen que lós hombres no deben llorar por una mujer”. Isso fica bonito de dizer em letra de música. Agora, nas devas não corresponde à verdade. Homem chora, sim. Não digo aquele choro sem grife, por uma dor de uma unha encravada, um dente do siso atravessado, um furúnculo na bunda. Isso é fiasco. Por uma mulher se justifica, principalmente por uma paixão não correspondida, como no meu caso, no verdor de meus nove anos. Chorava pelos cantos da casa. Não esse choro com lágrimas, mas aquele de paixão, no seco, coração cortado, sangrando, sem sutura, com uma placa de sal grosso e gotas de ácido em cima para aumentar o sofrimento, que a cada soluço rebentava com as amígdalas. A dor causada por essa chaga aberta só dava trégua quando me envolvia treinando meu time de botão para as Olimpíadas Metodistas.

Como sofria. Foi um dos melhores sofrimentos de minha vida. Ah! Como queria que aqueles dias fossem todos os dias...

Por pouco não cortei os pulsos com gilete e, pior, com uma faca de picá fumo, fio cego, ou, ainda, o que seria a glória maior, enforcar-me com um corpinho Du Loren que surrupiara do varal de roupas de uma vizinha. Esse desenlace mortal era o de minha preferência. Já vai saber o porquê! Tá dormindo?!

Bueno, ela realmente foi minha primeira paixão. Conheci-a no quinto ano primário ali no Instituto de Educação, Colégio Me-



todista. Era minha professora de religião. Embora recém-egressa da Escola Normal, jovencinha, ainda cheirando a mimeógrafo, já era uma mulher tupida, confortável, oferecendo aos meus olhos inocentes a zona exuberante localizada em seu tórax privilegiado, que podemos comparar a dois mamões papaia no ponto de doçura.

Ela tinha o costume de ministrar as aulas caminhando entre as classes. O som de sua voz misturando-se ao toc toc dos saltinhos. Toc toc toc ttoc cott co toc oc to. Meu coração saltava quando se dirigia a mim com seu passo de gansa no melhor estilo da SS alemã, com os seios refestelando-se, abençoados pelo capeta. Embora aprisionados por um sortudo Du Loren, conseguia perceber duas cerejas maduras no topo de cada um daqueles impávidos colossos. Ah, meu Deus do Céu! Era coisa pra passar a mão com luvas de pelica! Algodão-doce puro!

Nesse caminhar é que tava o problema! Santo Antonio matava-me de ciúmes. Ela era devota desse sortudo. Devoção evidenciada pela medalhinha que usava com a figura do dito cujo, dependurada numa correntinha. E, a cada passo a medalhinha ia e vinha, vinha e ia, e vice-versa e versa-vice. Quando podia introduzia-se na fenda que a blusa oferecia, fazendo tantas acrobacias para isso que deixaria um trapezista do Circo de Soleil no chinelo. A medalhinha entrava Santo Antonio e voltava Tonho, deixando no meio daquelas carnes a batina, os santinhos e os votos de castidade. Retornava extenuado, entregue e com um sorriso irônico dirigido a mim. Juro que é pura verdade! Pura verdade! Não dá pra acreditar em santo! Muito menos em santo de medalhinha!

– Menino, leia o trecho de um dos livros do Pentateuco.

Faria tudo por eles. Levantava-me lentamente, desafiador, ficava tete a tetas, sentia seu hálito de chicletes de gardênia, visualizava seu sorriso tipo Kolynos emoldurado por aqueles carnudos lábios escarlates e percebia suas palavras, sem exagero, dançan-

do por sobre notas musicais. Inolvidável!

– Menino, vamos, leia! Acorde! O Pentateuco! Quero traduzido, traduzidooo!!!

Transformava-me, sentia-me o Collor discursando no Senado do Império Inca para um montão de filisteus comunistas, e, no entanto, era um pequeno mancebo hipnotizado, subjugado, refém daqueles montículos endemoniados de uma mulher professora tupida, confortável, como já disse. Plenamente justificável. Se tu visse... É de não acreditar.

Exercia um enorme poder de autocontrole ao traduzir a leitura do texto do raio do Pentecostes do grego para o esperanto, não responder às implicações do Tonho e, o principal, ainda lambuzar-me com a paisagem próxima que se me oferecia. Tudo ao mesmo tempo. Meu Deus! Coisa de Juan Peron! Coisa de Juan Peron! Só eu mesmo...

Uma pergunta? Claro, tamo conversando.

– Se ela era metodista, como poderia ser devota de um santo católico?

Putá merda, arrumei um parceiro de mesa detalhista, não fala nada e quando fala se atém a minúcia. Estragam uma boa história por nada. (Vou disfarçar...)

Tu sabes que o culpado dessa quase tragédia foi o reverendo Pinheiro, diretor daquele colégio? Na seleção de uma professora de religião o perfil recomendado é de que seja o de uma mulher com a beleza interior acima de qualquer suspeita. Que incompetência deliciosa!

Garçom, a penúltima saideira! Gazapina! Quien dice que lós hombres no lloran por una mujer? Passa a garrafa...





E assim começa um colóquio que pode ser o início de uma história entre duas filhas de Maria.

A cura da amante

Doutora Fernanda, psicóloga bem-sucedida, bem casada, linda, com um corpo escultural, de família rica, debruçou-se a ler a ficha da próxima paciente a que se dispusera atender de forma gratuita.

Humm! Interessante, interessante, pensara. Seria de grande valia à pesquisa e tese de seu doutorado na área de antropologia, sob o título instigante de “A função social da amante na preservação do casamento monogâmico sem chispa”, inspirado no belíssimo trabalho da socióloga Agenita Ameno. Nunca pensara, enfim, sob um prisma diferente de abordagem.

– Manda passar a Sra. Madalena!, solicitou à secretária.

Madalena entrou, cumprimentaram-se formalmente, nada de beijinhos, arroubos desnecessários... Enfim, relação formal psicóloga x paciente.

Madalena logo se debulhou a falar, aflorando imediatamente sua condição depressiva, no fundo do poço, em plena crise existencial, autoestima debilitada, ou seja, numa cacaca federal, em razão de seu fracasso como amante.

Acabara de sustar um relacionamento estável com o Eike, homem rico, generoso, perfumado, que lhe provia do bom e do melhor.

Escutem só o palavreado da Madalena:

– Doutora, não podia continuar com a relação por uma questão de ética profissional. Falhei como amante e, dessa forma, não honrei também a memória de minhas ancestrais. Bisa, vovó, mamãe foram concubinas de primeira, perfeitas, puras. Errei, errei, botei ele pra rua. Viverei só, remediada, mas com a minha consciência limpa.

Continuou chorosa:

– Invoco Baudelaire que sabiamente, já naqueles tempos, disse à Marquesa dos Anjos: cada coisa no seu lugar.

Traficante não pode cheirar!

Meretriz não pode ter orgasmos com cliente!

Cachorro que vê poste e não mija?!

Dançando tango de bermuda amarela?!

Brigadiano tocando na Filarmônica de Berlim...



E aí entro eu: amante não pode lavar as cuecas do explorado! Nunca, nunca, never, never. Foi um passo para o declínio de minha formação. Quando me dei conta estávamos vendo, eu e Eike, O Domingão do Faustão e fazendo palavras cruzadas, comendo pipoca. Não é possível, não é possível.

Olhem só o caráter dessa mulher! Eu que invento estou pasmo... Imagino vocês... Mas escutem.

– Estou usurpando o papel da outra, sua esposa. Não é justo, não é justo! Uma terceira não pode pagar pelas minhas falhas. Não a conheço e nem quero. Deve ser uma próxima de uma coitada.

Mas sempre tem uma luz no fim de um consultório. De repente, não mais que de repente, Madalena, de soslaio, percebeu que a doutora Fernanda deixou de ser psicóloga e passou a ser uma pequena corça, virgem, à mercê das garras de uma loba experiente e faminta, a sós, nas savanas desertas da África.

Fernanda tinha tirado aqueles óculos de mulher direita e deixado o caderninho de anotações da consulta de lado, num flagrante desvio de função, um sinal de fraqueza. Para o bem ou para o mal, sei lá a essas alturas! Uma loba que é loba, mesmo que esgualpada, ressurgue das cinzas e, fazendo jus a sua genética, age, toma as rédeas da consulta, e... Ahhhhh! Simmmm!!! Curiosos, sem perguntas! Sem perguntas! Sigo.

Nessas alturas do campeonato, a doutora Fernanda passara a ser a Nanda, e Madalena, a Madelaine, não me questionem o porquê. Bem, a loba tomou a iniciativa e... olhem só o que aconteceu.

As duas abraçaram-se e desandaram a chorar, e as lágrimas comungando em cascata, escorrendo entre rostos e pescoços desnudos, colados, naquele clima úmido, num cristalino convite ao amor, peito com peito, arfando, pernas bambas, mãos descontroladas percorrendo périplos inconfessáveis. E como pano de fundo aquela musiquinha de consultório traçando uma sinfonia de Beethoven regida por Amado Batista. Aquele ambiente com todo esse combustível, de vetusto, assumiu ares de um lupanar acolhedor.

– Sim! Por que não?, pensou a amante ressuscitada.

– Por que não? Sim!, pensou diabolicamente a pretensa ingênua.

Nesse momento, o telefone toca. Mais ou menos assim: Primmmmm! Primmmmm!

– Doutora Fernanda, o seu esposo na linha, doutor Eike, pergunta se a senhora pode passar na lavanderia e pegar as roupas – a pentelha, inoportuna, incompetente da secretária veio atrapalhar.

– Jaguará! f.d.p!, pensara a doutora Fernanda em responder ao consorte. Mas calma, muita calma num momento como este.

– Ok! OK! Diga que sim. E desligou.

Enfim, recompostas, alguém falou:

– Tomemos uma bebida. Chá? Não! Café? Tampouco! Fanta Uva não é hora! Uma bebida forte, o clima exige! Tequila, por que não?

E assim começa um colóquio que pode ser o início de uma história entre duas filhas de Maria. Não defino o desfecho, coloco ao arbítrio de cada um o enfoque que queiram dar. *Bonito, doloroso, ou indiferente, ou se estender ao infinito...* Decidam. *O imponderável da vida e o aleatório das coisas – como elas acontecem – assim se revelam. É só começar*¹.

– Conta mais, conta. E aí, e o final!?? – perguntou um anônimo chato.

Tenho mais o que fazer. Não querem pensar?! Querem bolinha picando?! Eu invento o caso e ainda tenho que dar o final?! Péraí! Tudo eu, tudo eu!

Garçom, a saideira! Desta vez uma Polar!

Já que esse bodoso contador de causo pediu,
eu penso:

se a Nanda for esperta, sugere à Madelaine
que retorne o caso e tire o dinheiro dele. E,
claro, que mantenha um namoro com ela,
de graça. O bunda-mole do Eike tá pagando!

Ass.: O dono do Bar

¹ Os trechos em itálico foram transcritos, na íntegra, do livro *Fugaz idade*, de autoria do escritor passo-fundense Julio Perez.





Invocava Maria Pequena, não para lhe proteger, mas para lhe dar força para o combate, se esse se lhe oferecesse...

Os fantasmas do Pulador²

É... O fim está chegando. O velho gaúcho, já gasto pelo tempo, curtido pelas intempéries, teve esse pressentimento naquela quarta-feira. Fez suas orações para sua santa Maria Pequena, com mais devoção do que nos outros dias, e até pensou que, talvez, o momento de falar-lhe pessoalmente estivesse próximo.

De qualquer maneira, fosse qual fosse o sentimento de epílogo, iria manter a mesma rotina de muitos anos, prazer que se lhe impusera, muito embora soubesse que no retorno levaria uma tunda de laço de sua companheira. Fazia parte do ritual. Apanhava sorrindo. As chicotadas desferidas com rabo de tatu, vara de guimirim, ou até de piaçava tinham significado. Fora e voltara. Abusava dos prazeres da cama, da comida, da bebida e, como todo borracho, voltava aos braços da mulher amada. E ela sabia disso.

Também, entendia como justo, chegava ao amanhecer no rancho tapado de canjebrina, com aquele cheiro inconfundível do chinaredo e sem nenhum pila na guaiaca. E por que não, então, carinho da chibata, tendo como algoz a mulher de sua vida? Não sabia dizer que prazer maior: a ida, o resfolego no puteiro ou o afago do retorno.

Nos dias posteriores a vida seguiria igual ali no fundão da Estância dos Mello, onde nascera, se criara e teria o seu fim. Levantava com o nascer do sol. Fazia a recorrida no campo branqueado de geadas, desempenhava a lide campeira e voltava a tempo do amargo, doce com a presença dela. Sem conversa. Entendiam-se assim. À tardinha, nova campereada e o açoite do minuano a

² Este conto ficcionista inspirou-se na leitura dos livros *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo* e *O massacre dos porongos & outras histórias gaúchas*, ambos de autoria do historiador Paulo Monteiro. Foi dada ênfase à Batalha do Pulador.



fustigar-lhe o corpo. Voltava ao calor da casa.

Isso, dia após dia, até que o próximo ano chegasse. E a cada 27 de junho nunca soubera o porquê teria novamente sua redenção, combustível na medida para alimentar-lhe a alma e o corpo e deixá-lo pronto para a faina que se seguiria. E isso ano após ano.

Na tardezinha, antes do pôr do sol, partiu, zaino encilhado, bons pilas na guaiaca, barba aparada, melena gominada, exalando água de cheiro pelo corpo, espingarda e arma branca à mão.

E ei-lo ali, na bailanta da Papagaia, pertinho da Raia do Toco. Corria à boca grande na comunidade libertina campeira que aquela casa de tolerância era abençoada com a presença rotineira do Padre Ramos, que inclusive teria ali uma afilhada exclusiva, sem pecados, por certo.

Antes, como sempre, passara no povoado, acertara as contas com o Juca Tigre, dono da bodega, negociara uma carga de melancia, atualizara as notícias e tomara um bom trago para aquecer a alma e abrir as ideias.

Aquela noite estava sendo ímpar. Tivera, desta vez, atenção especial da dona do bordel, que lhe concedera os serviços de uma novidade, Mercedes Delatorre, castelhana linda, sensual que estava estagiando na casa, provinda da fronteira e que o alimentaria naquela noite.

Outra não poderia ser melhor. Fina, experiente na profissão, vinte e tantos anos na lide e, com certeza, conduziria o embate de forma que o gaúcho, já na capa da gaita, pensasse que tivesse tido desempenho a contento. Ah! Y aquel acento dáble algo singular. Valorizaba el entrevero por entre los pelejos.

E o destino a colocara ali, naquele momento, a oferecer-lhe a oportunidade de uma boa ação, conceder prazeres simbólicos àquele ente necessitado de afirmação e curtir, talvez, nesta vida, pecados de uma outra.

E assim foi. Chegara a hora da volta. Aquela noite especialmente fria e escura, madrugada, cabaré vazio, só ele, o gaiteiro que não se dera conta do final da noite e seguia dormindo, dedi-

lhando a sanfona encardida, gaguejando a mesma vanera preguiçosa, sem mudar o tom, e as gurias, na varanda, protegendo-se do minuano, acompanhando a triste partida, certificando-se que o taura conseguira montar o zaino.

E ele tapado de canjebrina, seco dos pilas, com o inconfundível cheiro do chinaredo, agora especial, de uma estrangeira digna de uma despedida. Campante da vida. Como sempre, pensara, não negara fogo.

À medida que se afastava, agarrado ao pelo do parceiro, conseguira olhar para trás e perceber, ainda, os abanos de suas irmãs, e as chamas trêmulas dos candeeiros definhando. Como ele.

Pocotó... Pocotó... Pocotó...

Agora passaria o velho atalho até seu rancho. Chegara no limite do campo mal-assombrado e como num passe de mágica o efeito da cachaça passara e ele, inconscientemente, empertigara seu corpo franzino. Empunhava sua espingarda taquari e a faca solinger da Tramontina, tal qual um oficial farroupilha. Invocava Maria Pequena, não para lhe proteger, mas para lhe dar força para o combate, se esse se lhe oferecesse, e o fim, fosse qual fosse, desde que com valentia.

E o cavalo, de matungo, assumia o porte de um árabe, digno do nobre que levava. Não falava, mas entendia o que seu dono queria dizer. E estava pronto para tudo, inclusive oferecer-lhe seu corpo como muralha amiga, para protegê-lo.

O transcorrer daquele percurso era mágico, ambos, cavaleiro e cavalo, sestrosos, sentiam sons da artilharia metralhando seus inimigos, investidas de infantaria, homens terceando ferro, gemidos e gritos de dor e de guerra, cavalaria fustigando. Avançar! Recuar! Verdadeira batalha campal, estupidez de uma luta fratricida. Daí a posição de “em armas” assumida por cavalo e cavaleiro.

Mas o sentimento procedia. Embora não os vissem, eles estavam ali, fantasmas combatentes, republicanos e federalistas, protagonizando uma luta feroz, e a contenda só cessava num mo-



mento, como aquele, para que Blau desfilasse naquele palco a 27 de junho de cada ano. E as tropas ensanguentadas, suarentas, fedidas pelo entrevero cessavam a insanidade da refrega e prestavam continência, reconhecendo um dos seus ao som do clarim guerreiro.

E Blau, num gesto consciente, que pensara sempre como loucura assumida, não sabia para quem nem por que tapeava o chapéu, levava a palma da mão, trêmula, à frente, respondendo um cumprimento militar. E o cavalo, agora puro sangue, acompanhando o cerimonial, marchava solenemente por entre os espectros guerreiros.

Esses minutos necessários para percorrer aquelas poucas braças cobertas de macega, enfrentando o corte do capim colado-burro, serpenteando banhados e valos, circundado pela mata, eram intermináveis para os vivos e os mortos.

Gracias, Maria Pequena, pensou Blau. Conseguira chegar ao fim daquela jornada, no limite do alambrado, não que este tivesse marco, mas sim porque percebia, como sempre, os quero-queros como guardando distância que os protegesse de balas perdidas, e escoltavam, então, o gaúcho velho, agora bêbado novamente, em segurança, até seu rancho.

E tão pronto seu cavalo, agora assumindo sua condição de matungo, transpusesse as patas do limite invisível do campo de batalha, a luta insana, sanguinária retomava toda a ferocidade, até que (quando?) um vencedor fosse definido.

O agora capitão Blau assistira tudo de cima.

Não se reconhecera. Aquele corpo desmilinguido era dele. Meu Deus!

Viu a chegada de sua companheira de manhãzinha, alertada pelo voo rasante e o palavreado dos quero-queros esganiçando um rekue etern, avisando que algo de anormal acontecera.

A mulher, miúda, silenciosa como sempre, dobrou-se sobre o



corpo inerte e frio de Blau e chorou, resignadamente.

Escoltou seu próprio féretro, caixão pobre sobre uma carroça, até o Cemitério da Cruzinha; acompanhado pela sua mulher, toda de negro, de seu filho Aparício que viera da Estância dos Cunha, de Ponche Verde, para o infausto, que ficaria ali com a mãe e assumiria a mesma rotina de Blau. Toda...

Mais não viu. Retirou-se ansioso para apresentar-se a seu comandante e retomar seu lugar na Batalha do Pulador, ali no Campo dos Mello. Quem o aguardaria? Que forças reforçaria? A quem prestaria continência? Rodrigues Lima ou Gomercindo Saraiva?

A cerimônia fora breve, poucas palavras do Padre Ramos. Naquela vida, Blau nem biografia tinha. Pouca coisa a dizer.

Aparício, agarrando sua herança, espingarda e arma branca, perguntou à sua mãe, já pensando em seguir os passos de seu pai:

– Onde fica a venda do Juca Tigre? Começaria por lá.

Montou no seu cavalo, apertando-lhe levemente suas ilhargas:

– Vamos, Pica-Pau!, imprimindo mudança na marcha, mais acelerada, quase num trote, agora galopando, varando aquele campo tapado de capim cola-de-burro, com o vento frio a pentear-lhe as melenas, gritando Biiiiuhhhhhuuuuuuu! Chinaredo, aguarde-me.

Não pensasse ele que sua condição de galo novo ciscador seria passaporte para, incólume, cruzar o atalho. Faria, sim, continência sem saber a quem, cavalo e ele sestrosos assumiriam posição “em armas” e sentiriam que algo acontecia ali, doutro mundo. Clamaria, sim, pela proteção de Maria Pequena e que num futuro seria um deles. Junto ao capitão Blau ou não?

Mal sabia ele que de seu pai herdara não tão somente armas, mas também a têmpera e o destino.





*Acomodei-me como pude naquele ambiente inóspito, me protegi
debaixo de uns pés de carrapicho de modo a ter uma visão
privilegiada daquelas, agora, verdadeiras ninfas...*

As seis filhas do veio Natalino

Alguém sabe o que que é melhor do que doce de mãe??
É retoço com prima! Alguém discorda?
Esse que falou é Beto, o letrado. Freguês aqui do Bar e meu parceiro de mesa nesta página. Disse uma grande verdade nessa pergunta e resposta. Reconheço a qualidade do dito, que escancara e intui significados de mais alto quilate cultural, filosófico, mas... Cala-te, Beto! De guela seca não vai. Garçom, a saideira. Serramalte!!

Bueno, já que é assim, vou contar um causo pinçado de pris-
cas eras, não sei ao certo se na primeira ou se na segunda guerra.
Mas que aconteceu, aconteceu, juro de pé junto! Foi comigo!

Meu véchio comprou uns metros de terra lá pelas bandas de Bom Recreio, colônia de Passo Fundo. Chegamos à terra prome-
tida com uma mão na frente e outra atrás, de carroça, com meia dúzia de galinhas angolistas, um galo carijó para dar conta das penosas e garantir o pedigree da raça, duas garrafas de canha, um jogo de baralho, uma eguinha, um potrinho e muita vontade, mas muita mesmo... De não fazer nada.

Mas não fazer nada naquelas grotas era impossível. Por uma questão de sobrevivência, tivemos que fazer uma hortinha com uns pés de couve, plantamos dois pés de bergamota e, para complementar, o mínimo para uma subsistência digna, surrupiar alguns leitões e espigas de milho de nosso vizinho lindeiro. Tô falando do veio Natalino, dono da gleba vizinha, empreendedor nato, italiano trabalhador, exceção da raça, caprichoso que só ele



na lide campeira. E pai de seis gurias.

É aí que começa o enrosco!

O seu Natalino, logo, logo, se deu conta que o estoque de seu portfólio agropastoril não fechava e desconfiou com quase cem por cento de certeza que seríamos nós os meliantes. A coisa ficou feia pro nosso lado. Tavam falando em vendeta, doutor advogado no meio, a Federal com a Delegada Helô no nosso pé, e o pior, o pior, iam acabar chegando nas razões pelas quais fomos corridos de nossa terra de origem, fronteira com algum país qualquer – omito por questão de segurança – que considerava contrabando crime grave. Imaginem só. A injustiça campeira neste país. Que fazer... Que fazer... Exageros da lei!

Para apaziguar e dar um basta naquela pendenga, o que nos interessava, a comunidade elegeu como mediador entre as partes, numa reunião realizada na cancha de bocha da Igreja, o padre Francisco, argentino, mas gente boa, dizem que mais tarde autoridade eclesiástica em Roma.

Religioso ladino, sagaz, capaz de botar fogo em campo em dia de chuva, não teria dificuldades em mediar o impasse, o que efetivamente fez.

Ficou acertado, a título de reparação, depois de quase duas semanas de visita do padre na casa do italiano, que um de nós faria uma visita com o intuito de conhecer uma das jovens e, talvez, talvez, entabular um colóquio social que culminasse com um enlace matrimonial. Até hoje não se sabe se o Natalino se curvou aos argumentos do padre, ou se o que apressou o acerto teria sido o fato de que o estoque de vinho, linguiça e salame que o religioso consumia nas visitas intermináveis de dias diminuía a olhos nus.

Não precisa nem dizer que o degas aqui foi o escolhido para tirar a família desse impasse; pois, modéstia à parte, era um rapagão forte, talvez por ter mamado até os dez anos, único que sabia ler e jeitoso com o mulherio, que o digam as gurias da Boate Chantecler, perdidas que eu procurava nas visitas financiadas



pela expropriação de parte ínfima da produção do vizinho.

Paradoxal, eu vagou a não dar mais o salvador da lavoura, hehehe.

Na verdade, na verdade, a primeira impressão que tive das ragazzas logo que as vi numa quermesse da Igreja não foi das melhores, mas, com o passar do tempo, minha opinião foi mudando, talvez porque havia uma carência enorme da espécie nas redondezas, somada ao fato de a zona ficar algumas léguas longe, o que seria um atenuante àquela necessidade básica que me deixava com a sensibilidade a meia boca.

Mas, gurizito esperto, penteado que só eu, resolvi não ficar somente com aquela impressão superficial e me dispus a examinar melhor a disponibilidade. Enfim, eram seis. Nada melhor do que espiá-las no banho diário na cachoeira ao final da tarde, quase ao entardecer.

Pulei a cerca, andei algumas jardas, enfrentei uma capoeira das brabas e me aboletei estrategicamente no meio do pastizal. Acomodei-me como pude naquele ambiente inóspito, me protegi debaixo de uns pés de carrapicho de modo a ter uma visão privilegiada daquelas, agora, verdadeiras ninfas confundindo-se com sereias nadando cachorrinho graciosamente naquelas águas barrentas e cantando “La bella polenta”. Que coisa mais linda! Só não contava que o lugar escolhido fosse ali, ali, juntinho com um ninho de cobras naja, perigosíssimas. Que situação, que situação... Fiquei petrificado, eu olhava pra elas, elas olhavam pra mim, balançando os guizos, ameaçadoras. Um olho nas moçoilas, não queria perder nada, o outro nas cobras. Não podia fazer barulho que me denunciasse... Um peido n’água seria suicídio. Que faço??? Não tive dúvidas, repentinamente, silenciosamente, dei um bote com a mão esquerda no réptil maior e, é de não acreditar, fiz um nó de escoteiro na bicha. Serviu de exemplo. Foi um esparramo de ofídios fugindo que só vendo! Um casal delas foi parar na Índia!!



Vejam só.

Enfim, afastado o perigo me dediquei a espreitá-las com os dois olhos. Mas não digo nada pra vocês.

Sim, nessas alturas não era só o Beto quem me acompanhava. Mais companheiros de ócio desse estabelecimento se api-nhavam ao meu redor escutando o causo – que espetáculo, que espetáculo!!!!

Por favor, por favor, não insistam! Não insistam! Sou um cavalheiro e ademais minha intenção ali não era locupletar-me com a visão de deusas nuas repousando sobre vitórias-régias da serra, mas sim eleger uma delas como minha favorita, com o nobre objetivo de uma união estável, se bem que pensei, que produção de primeira, p.q.p.

Mas o causo é longo e preciso me hidratar. Garçom, levanta! O bicho veio tava sentado ali junto à turba, embevecido com a narrativa, deixando o abastecimento etílico à deriva, com a cumplicidade do dono do Bar, também babando pelo transcorrer da saga.

A saideira. Desta vez, Gazapina! – bradei para o irresponsável de gravatinha. Tava pensando o quê? Que era garçom do Lula?! Que que é isso!!

Glu, glu, glus, no ponto. Que baita trago!

– Segue, segue! Adelante!! E aí?? – o povo me incentivava a prosseguir.

Bueno, já que é assim, retomando... Tomando... Continuei deitando o latim.

Elas tavam tão próximas, tão próximas de minha retina, ali, ali, à mão de meus olhos, que rapidamente, não mais do que duas horas, bati literalmente o martelo n'água. É ela! É ela! A filha do meio do veio, jeitosa que só vendo. Messalina tinha sido a escolhida pelos simples fato de ter postado na batata da perna esquerda um Band-Aid protegendo a ferida causada por uma mutuca. Esse



pequeno detalhe, que me cativou, diga-se de passagem, prova que a sensualidade de uma mulher está onde menos ela pensa e mais onde nós determinamos que esteja. Quem leu Proust sabe disso, talvez Beto, o letrado. Agora, o resto...

Vendo aquela plateia ali sequiosa pela narração, concluo que isto não é mais contar um causo, assume dimensão maior. Modéstia à parte, me sinto proferindo uma conferência como se o Bar fosse... Bueno... Uma abóboda celestial, com seres intergaláticos hipnotizados, clamando por um final feliz. Vamos adiante.

Marcada a data da visita, num domingo de Páscoa, no almoço ao meio-dia, me apresentaria à família. Preparei-me. Melhor, prepararam-me. Os meus, cientes do significado de que eu me apresentasse condignamente, me amarraram com arame farpado (não era muito chegado a banho), me colocaram numa tina e me esfregaram. A sujeira era tanta que tiveram de mudar a água umas cinco vezes, acho que perdi uns dois quilos só ali... Caçaram piolho por piolho, trataram as frieiras com soda cáustica e, pior, dizimaram minha colônia de chato, adquirida nas minhas visitas à Chantecler, aplicando Merthiolate puro. Essa eu senti. Não pelo desconforto. É que a gente acaba se apegando aos bichinhos.

Mas o resultado foi muito bom, ao final estava brilhando. A impressão que dava é que haviam me aplicado Parquetina e lustrado com um uma enceradeira Walita.

Bem, chegou a hora de partir. Lembro-me como se fosse ontem. Na falta de arreios, peguei o pequenino colchão de palha de milho do bercinho de Neno, meu maninho mais novo, o coloquei na eguinha e parti sob o olhar orgulhoso de meus entes queridos.

Pocotó... Pocotó... Pocotó... Eu, a eguinha e, nos acompanhando, o potrinho, rumo à felicidade!

Escuto ainda hoje, nostalgicamente, a voz da mama recomendando aquilo que todos nós um dia escutávamos quando



íamos visitar alguém.

– Modos, meu filho, não arrote à mesa! Não limpe as mãos na toalha de mesa! Filho, não deixe a camisa pra fora das bombachas! Fica feio coçar! Não escolha comida! (Se ela soubesse que já tinha me definido).

Cuidado com o os ovos!

Com essa última, meus parceiros ouvintes assentiram, balançando as cabeças – que mãe, preocupação até com isso!

Pessoal, por favor, por favor, ela se referia a um balde com ovos de avestruz que estava levando como mimo à dona da casa, minha futura provável sogra.

O que era para ser uma jornada épica, no transcorrer, transformou-se numa tragédia turca. Tava sentindo a bombacha úmida e com um incrível cheiro de mijo. Claro, claro, não poderia ser diferente, o colchão do nenê... Mas... Tava com as entrepernas assadas em razão da pouca proteção que o arreio improvisado oferecia. E, ainda como se não bastasse, a equinha aprontou na chegada... A cada passada na frente da família do italiano, perfurada me recebendo, começou a flatar desbragadamente, sem cerimônia. Cada pocotó era um matraquear de foguetes. Eu sabia... Eu sabia... A equinha desconfiou do objetivo de minha visita e fez aquilo como vingança, ciumenta que só ela. Ainda bem que não falava.

– Bahhh! Que situação! Santo Onofre! Não interrompam! Conta mais... – a plateia exigia.

Bueno, vamos lá. Passa a garrafa!

Quando consegui frear a Mimosa, preparei-me fazendo pose para neutralizar aquele meu estado deprimente e, então, apei repousando o pé naquele chão, num movimento simbólico de posse



das terras que um dia seriam minhas, ao mesmo tempo em que lançava um olhar apaixonado para Messalina, que estava linda, linda, sorrindo meio que sem graça, como a mulher daquele quadro famoso, a, a...

– Mona Lisa, completou Beto, o letrado. Que cara chato! Interrompe-me... Pensa que eu não sei?!

E aí, e aí, meus camaradas de trago. Sabem onde eu pi-sei, com pose, olhar e tudo o mais, com as botas novas de couro de zorrilho que papai tinha me emprestado...? Numa merda de cachorro, daqueles que comiam banha e que a produziam com qualidade, fedidas, das antigas, que emplastam, diferente das modernas e inodoras de hoje.

Eu naquela condição degradante, as pernas arqueadas tipo cowboy – o entrepernas em carne viva – a bombacha numa fedentina desgraçada, as botas em estado lastimável, consegui chegar à mesa amparado pelo Padre Francisco, que não parava de mascar torresmo – naquele tempo não existia chiclete. Sentei, sério que nem guri cagado atrás da casa, acompanhei as orações, e, graças a Deus, graças a Deus, foram liberados os comes e bebes. Pensei: o pior já passou... Ufa.

Lá pelo meio do almoço, uma balburdia só... Imaginem uma mesa farta, a italianada parlando, parlando. Consegui lançar um olhar fulminante pra Messalina e pensei: é o momento de dirigir-lhe a palavra. Mas eis que, desgraça pouca é bobagem, de repente, gritos de alguém aos quatro ventos:

– Il puledro sta mangiando pancia della giumenta! Il puledro sta mangiando pancia della giumenta!

De fato a impressão que se tinha de longe era que o potrinho estava comendo a barriga da égua. Claro, pensei, de novo o



colchão de palha de milho do Neno. O potrinho, com fome, vendo aquela porção de palha de milho cheirosa e úmida repousando por sobre a barriga da Mimosa, não teve dúvidas...

– É bem possível, bem possível. A urina é rica em ureia, o que enriqueceu a palha de milho e a tornou agradavelmente palatável – de novo, Beto, o letrado dando pitaco no meu caso. Deixa pra lá.

Foi aquele alvoroço. Todo mundo levantando, inclusive eu, que, ao fazê-lo, arrastei a toalha de cambraia de linho da mesa, a louça da bisavó da agora minha quase ex-sogra, que tinha vindo das Europa de navio, a sopa de agnoline, aquele vinho especial para a ocasião e um pratão de sagu dos deuses, enfim... Tudo no chão. O que aconteceu? Já explico! Inconscientemente, lembrando das recomendações da Mama – filho, não deixe a camisa pra fora das bombachas! – peguei, inadvertidamente, já meio tchuco, uma ponta da toalha e botei pra dentro das bombachas. Deu no que deu. Obedecer mãe de vez em quando dá nisso!

– Tenho uma dúvida. Se eram seis, como tua escolha chegou à filha do meio??? Esse imbecil aí é o Doisidois Sanquatro, o matemático do Bar.

Esse é um mal que eu tenho, perco o controle de meus próprios personagens. Eles adoram estragar um conto desse naipe levantando detalhes inconsequentes. Esse é o resultado de ser um democrata nato. Que que eu faço? Sigo o caso?????

– A saideira? Pode ser uma Nortênia??? – que pergunta oportuna do garçom. To salvo!

Sim, sim, a saideira!

E continuando, aquele pratão de sagu foi cair exatamente no



colo. As moçoilas começaram a rir... O italiano gritou:

Esse guri só dá prejuízo, nem pra roça serve. O padre se desconcertou e disse:

– Fique com a mula dele e tá tudo bem pago.

Eu já não sabia pra quem olhar. A confusão estava formada. E já que tudo estava perdido, perdido e meio, eu disse: a Mama tá me esperando. E sai correndo a pé mesmo. Até hoje não sei no que deu aquela confusão.

Sinto pela Mimosa! Da primeira namorada ninguém esquece. Passa a garrafa!





*E o forcinho dê-lhe fazer volta, a madama aterrorizada,
o povaréu estático, a tragédia iminente...*

A saga do bisneto do Coronel Mundico Terra e de sua égua Mimosa

Eaí, nobre colega de trago, tomamos uma gelada!??

– Não, gracias, não posso beber, estou tomando uns antibióticos...

– Mas, parceiro, esse tal de antibiótico não vai alterar o sabor de uma gazapina.

– Bem, se é assim, vamos lá! Mas só se contares um caso, contrário caso, te acompanho de qualquer jeito. Se estiver no ponto.

– Bueno, bueno, tá bem, tá bem... Esse caso não é meu, foi contado por um sobrinho de um amigo de um compadre que o repassou, pedindo discricção, razão por que peço que esse assunto não extrapole a mesa deste Bar. Mesmo com essa origem fidedigna, posso afirmar, com mais ou menos convicção, que cinco por cento é mentira.

Feitas essas ressalvas, vamos lá.

O tal de personagem, radicado lá nas grotas, entre Pinheiro Torto e o inferno, cansado de tomar café de cambona, resolveu dar um tiro noutras paragens, carente de outras carnes. Planejou dar uma bordejada na cidade, entre uma coisa e outra frequentar o alto meretrício, já que o baixo, a boate Chantecler da zona rural, é por demais conhecida e não oferece grandes novidades.

Em casa, para a patroa, disse:

– Vou até a cidade comprar fósforos (quem morou no interior, naqueles idos, sabe o valor de um palito de fósforo). Claro, claro, no retorno traria como agrado para a sua consorte Leite de



Rosas e para a gurizada, chupa-ganso ou caramelo de cachaça. E também Bombril, sabão em barra, anil, creolina, essas coisas de limpeza. Imagine a felicidade da mulher em receber aqueles agradados.

Tiro curto, tiro curto, poucos dias, em touro longe dos pagos até vaca magra bota corno!!! Não dá para facilitar, pensou. Mas não ia sair assim no escuro.

Buscou aconselhamento com o padre Antão – as boas línguas diziam que teria fugido de um seminário com a professora de catecismo, flagrados em alto pecado capital, na visão da Igreja, e pecado de primeira para os comuns dos mortais. Mas, mas, o enviado de Deus, entre um martelo de cachaça com casca de bergamota e um de semente de pêssigo, indicou como alternativa a casa da Dona Imaculada como de confiança.

Olha só o que religioso disse para nosso herói:

– Pecador, paga um pouco mais, solta o capim, e evita uma série de constrangimentos. Aqui na Chantecler fui apontar o caminho da salvação para as perdas e fiquei engalicado, me custou trezentas ave-marias e trinta e duas injeções de Benzetacil, fiquei com a bunda que era uma peneira e com o risco de cortar uns trinta centímetros do pinto, e de lambuja noventa dias de resguardo. Uma gonorreia que nem São Jorge conheceu!!!!

Amigos e colegas de vício, estou contando o que o neto do tio de um compadre do meu amigo contou. Por favor... Não me responsabilizo. Pelo depoimento ilibado do padre, nosso personagem ficou ciente de que o bordel da Dona Imaculada era de primeira, chinaredo da mais alta estirpe, com carteirinha do centro de saúde, menu já com os preços tabelados, instante tantos contos, pouso um pouco mais, um bom gaiteiro na bailanta tantos pila, e por aí vai.



Disse que gerenciava o estabelecimento com pés de ferro – dava patadas em quem tentasse denegrir o ambiente com boas condutas –, coisa de louco! Borracho não entrava, só saía. Enfim, estabelecimento confiável.

Bueno, com uns ditos de apresentação para a Dona Imaculada no verso de um santinho como recomendação, com a bênção e cumplicidade do prior e, o mais importante, com a absolvição divina garantida no seu retorno, seu velho poncho, oitocentos contos na guaiaca, deitou o nosso personagem a melena com destino à cidade.

Foi a trote, a trote, viagem demorada, não podia exigir muito da Mimosa, égua tubiana, já com bons anos no lombo, com quem mantinha uma relação afetiva, de anos. Na verdade, fora sua primeira namorada. Num desses descaminhos da vida, ainda gurizote, perdera a sua companheira de vista, recuperando-a por acaso às portas de um frigorífico de Erechim. Ia virar mortadela ou patê francês, mas... Deixa pra lá, outro caso.

Depois de algum tempo, já no povo, passou num posto de gasolina onde deixou seu velho poncho preto herdado do Coronel Mundico Terra, seu bisavô, para uma boa lavada, já que durante todos aqueles anos nunca passara por isso. Tava duro de sebo, poeira, pólvora, marcas de pontação de lança, resquícios dos entreveros entre maragatos e chimangos, e num dos bolsos, uma porção de fumo de corda, nestas alturas petrificado. Também, todo esse tempo... Para uma boa limpeza, só com aquelas mangueiras de lavar auto. Foi um alívio, a Mimosa chegou a trotar sorrindo, livre do peso daquela indumentária e da fedentina armazenada por anos e anos...

Chegou à pensão do Gastão de noitinha, bem localizada, de frente à praça da cidade, aboletou-se num quarto onde pensou



descansar. Quando acordasse, tentaria fazer as compras durante o dia e, à noite, procuraria o cabaré da Dona Imaculada e as suas maravilhosas trabalhadoras do sexo.

E o tal de sono não vinha, não vinha, culpa daquela claridade desgraçada provinda dos três bicos de luz acesos e dos mosquitos organizados em esquadrilhas, fazendo rasantes, cursando com aquele barulho infernal, zummmm, zummmmm. Procurou uma máquina de flit, em vão. Tentou matá-los à cuspidinha, nada. Assassinou dois ou três com travesseiro. Que falta fazia o poncho preto herdado do Coronel Mundico. Pelo menos se cobriria. Como apagar aquela tal de luz elétrica? Era do interior, acostumado a um bom candeeiro. Essas modernidades! Olha, vou te dizer... Que situação! Até que, desesperado, olhou para seu par de botas e... Solução. Nem o Lula pensaria nisso. Colocou-as, um pé em cada bico de luz. Pronto, resolvido, ficou escuro que nem boate de estrada. Vocês não vão acreditar; eu que sou contador de causo custei, imagine... O calor da luz aprisionado no interior das botas desprende o chulé que estava impregnado, e este, liberto, tomou conta do quarto e, com seu alto poder destrutivo, dizimou a mosquitama e de lambuja anestesiou nosso herói, levando-o a um sono reparador.

– Momento, momento, posso perguntar? Se eram três bicos de luz acesos, como um par de botas resolveu a questão? – inquiriu o Doidois Sanquatro, o matemático do Bar.

(Vou fazer que não entendi, este aí não é matemático do Bar bosta nenhuma, mas sim estraga-causo. Que vontade de mandar o cara tomar no...)

Sim, pois é, mas veja só. Retomando o causo, lá pelo raiar das dez da manhã, acordou, resolveu fazer a higiene bucal – tava na

cidade – bochechando um copo de canha, e o líquido precioso foi dum lado pra outro, dum lado pra outro, e na hora de cuspir o conteúdo etílico, onde?, onde? No carpete, não! Não! Nunca faria uma coisa dessas, com a educação que tivera. Sem alternativa, fê-lo descer garganta adentro – glut, glut, glut –, quando ouviu esganiços de meretriz luxenta em perigo. Aiiii! Aiiiiii!!! Socorroooooo! E espiando pela janela viu uma bela mulher dirigindo um fordinho, circundando a praça, sem conseguir fazê-lo parar. Reconheceu-a imediatamente. O destino se encarregara de reencontrá-la. Era a Messalina, a filha do meio do veio Natalino com quem quase se casara. Sentou-se na cama imediatamente, já de bombacha, calçou um pé da bota, calçou o outro, mas desgraça pouca é bobagem. Os soldados tinham se descolado – lembram do calor dos bicos de luz? – ficando só os canos, que permitiam a visualização de seus carpins amarelo-ovo, encardidos e furados no dedão maior. Que fiasqueira!

Porém, não era momento para vaidades. Levantou-se assim mesmo, pegou seu laço trançado e disparou para a rua, procurando a Mimosa. Onde... Onde... Quando mais precisava da bicha, não a encontrava. E o fordinho dê-lhe fazer volta, a madama aterrorizada, o povaréu estático, a tragédia iminente, e, numa dessas passadas, postou-se valentemente à frente do veículo, preparando-se para lançá-lo, quando este parou repentinamente. Até hoje não se sabe se parou porque a gasolina acabou, se a motorista lembrou-se de colocar o pé na trava – mulher no volante, sabe como é – ou se carro achicou-se perante a postura determinada do tauro.

Ainda escutando as palmas e ovações de uma multidão reconhecida pela sua bravura, retirou a mulher em seus braços, desmaiada, e vendo-a ali, inerte, à mercê de seus instintos mais primitivos, considerou o evento uma oportunidade única. Atirou-se



sobre seu corpo acolchoado – ela tinha engordado um pouquinho –, beijou seus lábios apaixonadamente sem preocupações em ser boca a boca técnico, lançou suas mãos ousadas por sob a blusa e massageou seu coração, ali, naquele momento, representado por duas glândulas mamárias magníficas, trucidando seu espartilho róseo. Tudo, tudo, visando à recuperação daquele belo espécime feminino. Mas nem todo mundo pensara assim.

Um bando de carolas e alguns invejosos chamaram as autoridades. Na sua visão, tratava-se de um tarado em plena atividade, um bêbado descontrolado, sei lá o que aquelas mentes mórbidas pensaram. Só sei que o jeep da polícia montada chegou em alta velocidade, com um brigadiando com a cabeça pra fora da janela fazendo Hummmmmm Ummmmmm – a sirena vivia estragada –, levantando um povaréu daqueles, donde saltaram cinco brutamontes e desgrudaram o agora nosso herói de sobre o poema inanimado, imobilizando-o com algemas de cipó, evitando a consumação de uma conjunção carnal em plena luz do dia na praça principal da comarca.

E o Sargento Tenório apeou gritando:

Aos costumes, aos costumes, flagrante de estupro de vulnerável – e ainda por cima metido a doutor advogado. Tem cada uma!

– Façam o teste do bafômetro, gritou um anônimo f.d.p. Lembam da higiene bucal? Nunca se preocupara com isso. Olhem só, produzira inocentemente prova contra si.

– Gaúcho de meia tigela, vai calçar umas botas decentes! – esse aí deveria ser de algum CTG.

– Pelo que eu sei poncho não tem bolso... Como é que tinha um pedaço de rolo de fumo no poncho do gaúcho aí da história?



– interrompe o compadre Arquimedes.

(Prezado leitor, poncho tem bolso? Ou não? E agora, que que eu digo?)

– Tenha ou não, não importa, mas coronel naqueles idos de 1894 podia tudo, portanto, tinha. E esse Mundico era um baita de um malabruxa, degolador de primeira!... – socorreu-me Beto, o letrado.

– Naquele tempo tinha carpete? – inquiriu Anacleto, o Joãozinho do Bar.

– Chega, chega, ordem na suruba! Pessoal, não me interrompam, corro o risco de perder o fio da história, tomo a saideira e me mando se continuarem dando pitacos... Querem escutar A voz do Brasil, eu pego o radinho do Bar e ligo agora! Querem? Querem? No próximo caso não chamo vocês para personagem! Escolham!

Isso, silêncio. Bem, vocês não sabem da maior. Olha, é de arrepiar, é de não acreditar... Coisa de novela da Globo! A mulher do fordinho era de fato a Messalina, a filha do meio do veio Natalino, só que na cidade era conhecida como Dona Imaculada. Saiu mocinha do interior para a cidade, onde fez carreira na putaria, tornando-se proprietária do bordel – de excelente prestígio, diga-se de passagem – mercê de seu notório saber e conhecimento técnico na arte da sacanagem.

Mas não pensem que a coisa acabou por aí. Mais uma situação constrangedora se interpôs no caminho do guapo, colocando sua virilidade em xeque. Ocorre que pela fricção de seu membro de maior valia e serventia no corpo incandescente da diva, sob aquela canícula, este até então inanimado, inerte, preguiçoso, tal qual um diplomata de carreira em férias em Cancun, ressuscitou abruptamente, transformou-se em um valente general inca na



guerra do Paraguai, tomou forma, enrijeceu, avolumou-se e vibrou em movimentos de vai-e-vem, estertores ritmados, escandalosamente perceptíveis por sob a bombacha, arrancando-lhes gemidos lancinantes, uivos de dor. Nunca antes tivera uma câimbra daquela magnitude, tão logo no seu membro inferior representado por sua perna direita. P.q.p. que nada. É puta que pariu mesmo, era momento de expor-se daquela forma, não bastasse suas botas sem sola?!!! Tinha que ter uma câimbra ali no meio do povo??!!

Aquilo não foi nada perto do que viria. Mundiquinho ainda pagaria mais pela intenção de molhar o ganso fora do casamento.

O descendente do Coronel Mundico tava na pior, sem dúvidas numa merda estadual! Atirado na masmorra gelada e úmida do presídio local, pensou no trapo humano a que fora reduzido. Que fazer? Sem o apoio de seu guia espiritual, o Padre Antão, arriscando sua honra, considerando as intenções lúbricas manifestadas pela massa carcerária no sentido de deflorá-lo, longe de sua amada esposa e seus diletos filhos, a perda irreparável da Mimosa e, o pior, seu coração e alma cozinhados em fogo brando – sua Messalina Imaculada, uma mulher de zona – e desgraça maior... É de chorar... O sargento Tenório, seu algoz, gigolô titular da dita cuja. Demais mesmo para um descendente do Coronel Mundico. Pensou no pior. Ia dar um fim em seu sofrimento, um basta, um chega. Alisou seu laço trançado, pensou numa prece à Maria Pequena, sua santa para esses casos, encomendou sua alma e decidiu. Caminhou firmemente até as grades daquele calabouço, pegou a corda de couro cru e – Maria Pequena, seja o que Deus quiser – gritou para os carcereiros que estavam jogando pontinho: cambada de vagabundos! Aguento tudo! Menos o frio. Preciso de meu poncho negro para me abrigar, não aguento o ar



gélido e úmido desta cadeia de terceira! Laço um fordozinho, poderei laçar um de vocês, pústulas!

Os carcereiros tremeram nas bases, e um deles conseguiu balbuciar:

– Onde? Onde?

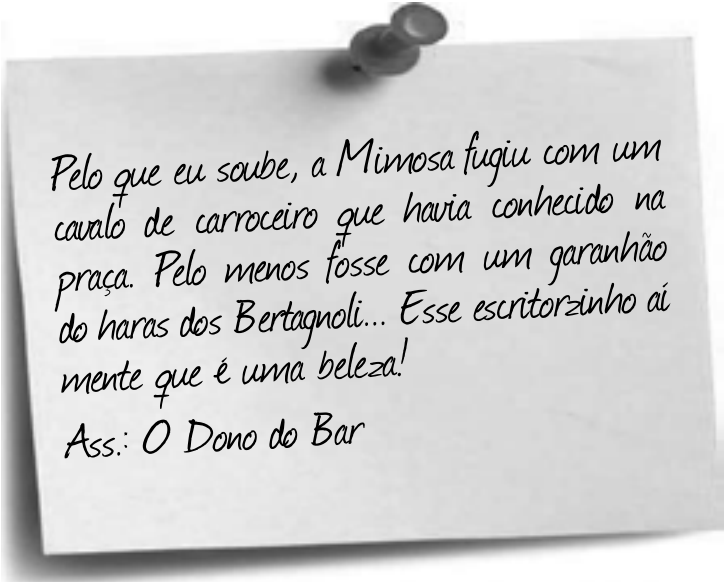
– Logo ali, no Posto Ipiranga.

Neste momento agigantou-se nosso herói, sentindo que as rédeas agora estavam em suas mãos. E decidiu, chamaria a...

– Que fim levou a Mimosa?, inquiriu Berlusconi, o infiltrado do bar Oásis, interrompendo.

(Viram? É de perder a paciência. Chega um momento em que eu perco o domínio de meus personagens, é hora de bater em retirada.)

– Pessoal, já tá tarde... Termino o causo noutra rodada. Garçom, a saideira!



Pelo que eu soube, a Mimosa fugiu com um cavalo de carroceiro que havia conhecido na praça. Pelo menos fosse com um garanhão do haras dos Bertagnoli... Esse escritorzinho aí mente que é uma beleza!

Ass.: O Dono do Bar





*Que tal um sorvete? Ah!
Só se for de baunilha. Exigentes, podiam.*

Namoro naquele tempo era assim...

Hoje não vou contar causo nenhum. Quero estar só nesta mesa de Bar pensando alto. Faz bem. Se por acaso escutarem esta conversa introspectiva me digam: tenho ou não tenho razão?!

Namoro bom era o das antigas. Era assim naquele tempo, lembro...

Com a prima

Do flerte com a vizinha

Do beijo apurado

Do beijo no portão

Do beijo roubado

Do beijo com açúcar, então

Do footing na praça

Pego ou não pego na mão? Que dúvida atroz!

Como as coisas mudaram...

Meninas lindas, na melhor idade

Cabelos curtos, longos, em coque ninho

Rabo de cavalo, moda de gatinho... não importa, sedosos

De sapatinhos de dourada fivela, humm...

Quando pisavam, suspiravam flores

Quanta delicadeza, que coisa mais bela.

Queria um só pra mim

Para emoldurá-lo em minha retina!

De vestido, com tubinho de broderie

De saia plissada, pregueada, de tafetá, organdi

Petit pois, de chita, não importa, não vem ao caso

Todos eles envelopando tesouros franzinos, virginais.

Querem mais! Querem mais!

Do corpinho acolchoado, imaginava, que seios escondiam!

Satanás!!!! Lúcifer!!! Me protejam. O quê? Por santos clamar!?

Não, não, eles não entendem disso. Peitos são coisa pra diabo



administrar.

Tocá-los nem falar! Só um pouquinho, por favor, num só...

Prometo que com respeito...

*Lembro que um leve toque arrancava suspiros de donzela em
chamas*

*Muito mais que incêndio em Roma, sensacional, que muito
bem feito.*

Medo de barata, que sensual. Aqueles miados Ai! Ai!

*Socorrooo! Isso não existe mais... Hoje tão valentes, que
lástima.*

Passou, passou, não volta mais.

Como as coisas mudaram...

Meninas lindas, na melhor idade

*Muito prazer! Seus lábios, mudos, carnudos, entreabertos,
roucamente respondiam: este prazer é todo teu!*

*De mel, besuntados de glacê, em carne viva, pintados com
batom.*

*Ah! Batom! Sabor morango. Posso provar?! Não era meu? E
então, por que sonegar? Egoístas...*

Te espero na saída do colégio!

*Que tal um sorvete? Ah! Só se for de baunilha. Exigentes,
podiam.*

Te encontro na missa!

Me autografas um santinho? Não, não, foto do Elvis não tenho!

Me nego.

*Recebeu meu bilhete? Responda, por favor! De preferência
em inglês, diga:*

Y love you!

Ou talvez em francês, mais chique:

Je t'aime!

*Melhor, taque um ósculo no papel e me mande. Mesmo que
doa vou grampeá-lo no peito para levá-lo sempre comigo até
meu último suspiro no derradeiro leito. Juro, juro por Deus
nosso Senhor! Prometo! Assim será feito!*

Era assim naquele tempo, lembro...

Esqueça, esqueça, esse tempo passou, passou...

Como as coisas mudaram... Ou mudamos nós... Mudamos nós.

*Desculpem-me. Hoje, só hoje, minha conversa no Bar mudou
de tom, estou nostálgico.*

Garçom, por favor, a saideira!

Ô, garçom, por que estás chorando?! Não queria que escutassem isso. Chuta a tristeza pro meu lado e me atende. Depois vem, puxa uma cadeira. Tens um ombro amigo. Toma um trago e conta teu caso, todos nós temos um. Qual a razão? Quem foi a menina das antigas que enfiou uma baioneta sem fio em teu coração?

Homem de Deus, estás te esvaindo em sangue!

Estanque esse sangramento

Tire-a do pensamento,

Infante ainda. Faz tanto tempo, paixão empoeirada.

Vencida.

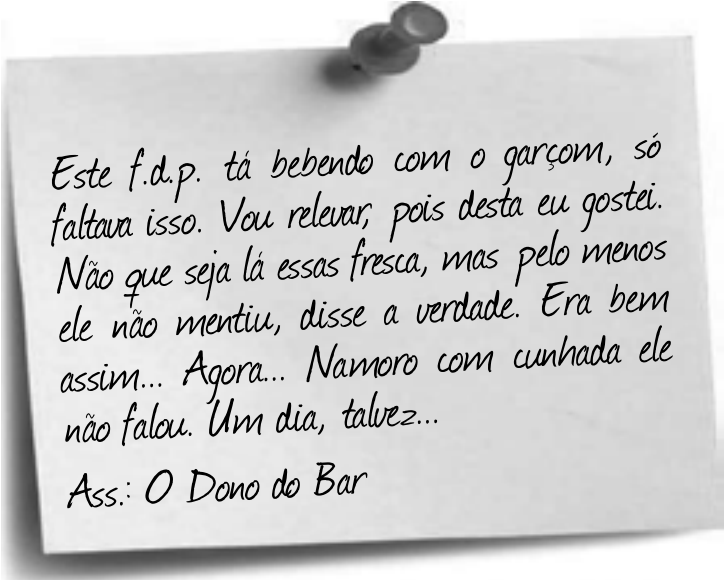
Tenho a receita.

Teu caso é grave. Para esquecerê-la, dê um jeito.

Uma é pouco.

Arrume outras. Simples assim.

Aqui entre nós, não sei não, não sei não.



Este f.d.p. tá bebendo com o garçom, só faltava isso. Vou relevar, pois desta eu gostei. Não que seja lá essas frescas, mas pelo menos ele não mentiu, disse a verdade. Era bem assim... Agora... Namoro com cunhada ele não falou. Um dia, talvez...

Ass.: O Dono do Bar





*Maria Pequena, invoco-a neste momento:
por favor, preciso de uma mão tua...*

O Bar está de luto

Pois é... O estabelecimento que frequento e a partir do qual conto meus causos está de luto. Luto fechado. Até meus personagens Anacleto, Dilícia, Messalina, Padre Antão, o veio Natalino, Compadre Arquimedes e tantos outros choram a perda de um dos seus e respeitam a solidão a que me impus numa mesa do Bar, bebendo em silêncio. Escritores, poetas, contadores de causos, por mais fingidores que sejam, usando a expressão de um dos nossos, o Fernando Pessoa, sempre e no fundo, em seu âmago, pensam e materializam através das letras seu próprio eu; afetos, desafetos, passagens que de alguma forma têm a ver consigo mesmos.

No meu caso, contador de causos, não poderia ser diferente. Um de meus personagens morreu, e com ele morri um pouco. O mais próximo deles. E o mais sabido, por mundiado.³

De fato, falando claro, ele já havia morrido antes em vida. Agora, a morte morrida, a de verdade, vem num dia, numa noite, numa tarde cinza de outono, ou no lusco-fusco de uma data de setembro, como efetivamente foi. Mas que chega, chega, sem hora marcada, de forma silenciosa, de inopino, sorrateira, violenta, mansa... Em razão de um tiro no peito, um vento frio nas costas num mês de agosto, uma doença ruim, ou gloriosa, se estrebuchando de amor nos braços de uma mariposa, e até de forma ridícula, como a de um amigo que foi desta para a melhor atropelado por uma bicicleta Odomo num beco sem saída e de mão única. Ou, ainda, se pudéssemos escolher, a mais inverossímil, porém a mais sonhada, sublime, serena: ter os últimos estertores no colo

³ Dia 25 de setembro de 2013 morreu Beto Guggiana, meu irmão.



de nossa mãe acariciando nossa fronte e dizendo “vai filho, vai filho!” Seja como for, a morte inexoravelmente nos abraça, como abraçou aquele meu pedaço.

Essa passagem de meu personagem real foi triste. Muito triste e tihosa, solitária, anônima e pobre, qualificações neutralizadas pela sua biografia rica e pelas lembranças que o particularizam como um tipo inesquecível, digno de ser retratado nas páginas de uma Reader’s Digest.

E pela tristeza de sua partida, houve lágrimas que se concentravam potencializando lembranças da infância, juntos, traduzidas numa saudade boa.

Ah! Sim, tá bem! Sua trajetória poderia ter sido mais ou menos, menos mal, assim, assado. Agora não importa muito. Feriu, foi ferido. Sim, certamente feriu seus amores como qualquer um de nós. Mas, ao mesmo tempo em que falquejava corações com uma talhadeira, era capaz de, em segundos, juntar os cacos de seu desatino e colá-los, um por um, com sumo de rosas, tudo na maior inocência, ingenuidade, simplesmente pela sua falta de talento em pensar e conviver com aquelas obrigações chatas – talvez necessárias – que norteiam as relações com nossos próximos mais próximos e por optar, por motivos de força melhor, por uma outra forma de vida.

Ruim, bom, não importa. Sem julgamentos. Gostaria de abraçá-lo! Por que só agora, que não posso tocá-lo? Somos assim: em vida sonegamos carinho, beijos, afagos. Palavras doces também. Custa? Não, não custa nada. Então, por que não fiz antes? Agora danou-se! Prometo, recupero tudo isso noutra.

Maria Pequena,⁴ invoco-a neste momento: por favor, preciso de uma mão tua. Reconheço que não és Santa daquelas de milagres, mas sei de tua capacidade em escutar e compreender.

⁴ Maria Pequena: primeira santa popular passo-fundense.

Estás sabendo do ocorrido, peço que o procure, acompanhe-o, converse com ele, escute-o, em nome de nossa amizade, até que, mais ambientado, possa voar com suas próprias asas. Mas, cuidado, muito cuidado. Ele não admite que numa prosa não tenha a primeira... E única palavra. E não fale em política, ele vai te converter em comunista de quatro costados, daqueles vermelhos de 1960. E às tuas amigas mulheres, não o apresente. Ele conversa com palavras encharcadas de mel. Simplesmente chimarreie junto. Obrigado e até mais ver.

Bem, bem, como diria mamãe: pior é a guerra. Chega de tristezas. Encerro por hoje. Garçom, a saideira! Sim, tá bem, mas pra que outro copo? Já tenho o meu!

– Seu contador de caso, Beto, o letrado, está aí junto com o senhor, na cadeira ao lado. Diz que é seu irmão de sangue e que vai aguardar o abraço prometido. A Faixa Azul está no ponto. Sirvo-o?





*Mas a delegada se me apresentava alheia, distante, indiferente.
E aí pensei...*

Os devaneios da delegada Helô na delegacia de polícia da Vila Tunda de Laço⁵

– E aí, compadre Arquimedes, firme?

– Firme que nem prego em polenta, contador de causo – respondeu o Arquimedes.

– Qual é a nova? Causo novo?! – intrometeu-se o veio Natalino, puxando uma colonial pra perto da mesa.

(Leitor, é incrível. Começa com um e outros vão se chegando, quando me dou conta tem uma turma apinhada junto a mim, aguardando, agoniadas, por um causo).

– Partidários de uma gelada e de uma prosa, esses dias me aconteceu uma boa: lembram da Helô que trabalhou de delegada naquela novela da Globo, Salve Jorge? Pois é, com o fim daquilo, ela foi transferida para atuar ali na delegacia de proteção às mulheres, na Vila Tunda de Laço, quase no fim da Morom. Tava eu ali na delegacia, para dar um depoimento, disse umas verdades para uma dona, quando...

– Mas por que essa injustiça? Tu sempre trataste bem o mulherio! Chamaram-te lá?! – arrepiou o Padre Antão.

– Padre, nestes tempos, chamar alguém de “coisinha linda” é ofensa, dá cadeia. Experimente! Chamei uma assim e, olha, se ofendeu e me atirou quinhentas pedras, chamando-me de veio caquético, mandou me olhar no espelho. A coisa ia ficar por aí, quando acrescentou jaguara aos elogios. Ah! Não aguentei! Sangrei-lhe a alma, fincando uma faca de serrinha até o cabo, em seu

⁵ Delegada Helô foi interpretada por Giovana Antonelli, na novela Salve Jorge, da Rede Globo.



peito, quando lhe disse:

– Vai te enxergar, gorda!

Pra quê, pra quê? Elas não suportam isso. Registrou queixa com BO e tudo.

Bem, continuando... Sabe, o ambiente de delegacia é uma zoeira desgraçada, copos de cafezinho por cima das mesas, gente entrando e saindo, uns algemados, telefone fora do gancho, toco de cigarro no chão, as duas patentes entupidas e as viaturas com as sirenes tocando a mil, e eu ali, com meu radinho de pilha sintonizado na Rádio Fantasia, esperando a minha vez de ser chamado, e, nessas alturas, observando, apenas observando...

Quando, meu Deus do céu, eu a enxerguei, a delegada Helô, em carne e osso, bem ali na minha frente. Poderia tocá-la com minhas sobancelhas se quisesse, oferecendo à visitaçãõ pública sua figura de mulher pra cem talheres de prata, por conta de seu porte altivo com charme, cheio de feitiço. Olhando-a, me veio à mente minha professora de caligrafia, a Dona Nena. Não, não, nem se compara uma com a outra – já começaram a me interromper. Refiro-me à caligrafia de minha mestra, tudo no lugar certo. Letras firmes, como o corpo da delegada. Caprichosamente sinuosa, como o corpo da delegada. A pontuação em seus devidos lugares, como o corpo da delegada. As vírgulas, elegantes, balançando ao sabor de minha imaginação, visitando todos os quadrantes da estampa daquela autoridade, a essas alturas caligraficamente perfeita. Viajo imaginando o soneto de Alceu Wamosy escrito no corpo daquela mulher, sob a batuta de minhas mãos carentes.

– Eu sei uma do Wamosy de cor e salteado, escutem só – alguém bradou.

Só poderia ser ele: Beto, o letrado. Ô, Beto, tá pensando o quê? Que este Bar agora é grêmio literário, exibindo-se para minha plateia, ofuscando o meu caso? O que é isso!?

– Irmãos, desculpem-me o interregno. Tava aqui pensando



com meu fecho *eclair*. Mas, mas nisso mandam chamar a Jurema para prestar alguma queixa diretamente à delegada. Adentrou na sala... Sabem aquela mulher de beleza judiada, descolorida, ex-alguma coisa, mãos retratando irmandade com o tanque de roupas, precisando de uma reforma geral, olhar esgazeado, uns argolões dependurados nos lóbulos...? Pois é, a própria. E eu observando, observando...

– Senta e fala – vociferou impaciente a autoridade de pedra.

– Doutora delegada, venho de novo aqui pedir providências.

Não aguento mais; aquele homem me trata como se fosse sua propriedade privada, tolhe minha liberdade, diz que sou só dele, e que vai me escriturar! Isso não é nada, não é nada, prometeu aos quatro ventos, referindo-se a mim, *para que sepan todos a qui-én tu pertenesces, com sangue de mi venas te marcaré la frente*.⁶ Violência anunciada em castelhano, pode? Mas atende todos os meus desejos... Imagine que um dia inventei de dizer que gostava de massa miojo com sardinha. E o cara me espera, diariamente, com esse cardápio. A sardinha é da Coqueiro. Ele diz que quer o melhor pra mim, mas já não aguento mais. Quero distância daquele monstro...

– Ele te dá uma tunda de laço? Onde estão os hematomas? Te arrasta pelos cabelos? – Helô instiga, quase perdendo a paciência.

– Não, não! Longe disso. Pior, muito pior. Ele me afoga de amor. Me trata como uma mulher-objeto. Todas as noites, todas, me sufoca de sexo, mas não do feijão com arroz, aquele trivial, comum, sem chispa, e sim o elétrico, aquele de cinema, em que morro em seus braços e continuo vivendo. Morro e vivo, morro e vivo, até o raiar do dia. De manhã, preocupado com os excessos, me leva o desjejum, para recompor minhas forças. É de não acreditar! Dê-lhe máquina de novo, tal qual Spartacus dando conta de 87 donzelas dinamarquesas.

⁶ Trecho da música “Mi propiedad privada”, de autoria de Modesto López, mexicano.



Chega de venturas, chega de ser chamada de flor-do-lácio, de estrela d'alva, de rainha do Nilo. Quero alforria, quero proteção do Estado, já! – teatralizou Jurema, ajoelhando-se naquele piso imundo.

– Só que, pessoal, eu não tava ali observando à toa. Percebi algo que não batia com a realidade. Sua fisionomia, embora esgazeada como disse, delirava e expandia felicidade, como de alguém que tivesse comido um sorvete de morango de duas bolinhas bem servidas, untadas com gotas de rum montilla. Depoimento estranho, muito estranho. Mas a delegada se me apresentava alheia, distante e indiferente. E aí pensei: como derrotá-la, como despi-la, como fazê-la escutar a voz do povo na pessoa da Jurema, representando naquele palco as marias periféricas? Como?

– Deixar a delegada pelada? Oba! O caso tá melhorando, deixa ela só de anel de formatura, só de coturno – a massa insana, alvorotada, sugeria.

– Vocês são de matar! Tô falando de forma figurada. Nada disso, nada disso. Desnudá-la no sentido de fazê-la abandonar aquela pose de artista de novela e compreender, ouvir a voz do povo: os sonhos, as ilusões, os enganos consentidos das mulheres sofridas.

E aí, amigos, o demônio conspirou a meu favor! Lembram do radinho de pilha, na Rádio Fantasia? Pois bem, começou a tocar a música “Ninguém me ama/ ninguém me quer/ ninguém me chama/ de meu amor/ a vida passa/ e eu sem ninguém/ e quem me abraça/ não me quer bem/ vim pela noite tão longa/ de fracasso em fracasso/...”, na voz maviosa da Nora Ney... Que coisa de louco! Alteei o volume de forma que a delegada ouvisse, e como funcionou... Minha visão de lince sexagenário percebeu, naquele rosto dos deuses, a partir de seus olhos, o rolar de duas pequenas, furtivas lágrimas, que, canalizadas nos caminhos delineados de suas covinhas, foram acolhidas pela geografia de seus lábios carnudos, emoldurados pela sua boca de pecado. Aquela umida-



de delicada, represada – não precisaria nem degustá-la *in locum* para defini-la como caprichosamente salgada – misturada a partículas microscópicas de folhas de manjeriço maceradas pelas mãos de virgens.

E o alvoroço, o vozerio estrídulo daquele ambiente, de repente, amansou-se, escutando-se tão somente os lamentos da Nora Ney e deixando à mostra a derrocada, o cair do muro de Berlim, o pegar desprevenido, o capitular daquele ímpar soneto humano manuscrito com letra bonita, expondo suas fraquezas, sua solidão e, talvez, contrastando com a fartura amorosa da Jurema. Sua indiferença poderia ser traduzida como inveja? Seu intempestivo marejar, o reconhecimento disso? Olha, o que vou dizer pra vocês? Mas, de repente, plaft, boinnnggg! Helô, recompondo-se do vacilo, bateu violentamente no birô com suas mãos delicadas de pianista, e, aí sim, foi coisa de cinema. Lentamente, tirou a parabellum 45 do coldre, a munição de bala dum-dum, a pequena faca de cangaceiro, a granada de mão, depositando aquele arsenal sobre a mesa. Então, meus colegas de trago... Ah, Santo Onofre! Desabotoou os três primeiros dos cinco botões de sua blusa caqui, aninhando entre as duas romãs maduras um papel róseo com o nome e o telefone do meliante. Não quero mentir, mas na leitura protagonizada pelo imperceptível fremir de seus lábios, pareceu-me dizer “este caso é meu, só meu”, devaneando.

A partir daí, infelizmente, tudo voltou como dantes, quebrando-se o silêncio sepulcral imperante, quando saiu porta afora, deixando a Nora Ney muda, Jurema prostrada ao chão afogando-se em um vale de lágrimas, e eu, possesso, clamando por justiça – quero tratamento igual, prenda-me, prenda-me! – e pensando, por que deveria ela ir tão longe, se eu ali tão perto poderia ser seu algoz.

– Ela foi procurar o homem da outra? Ela tava carente? E tu, contador de causos? – algumas das manifestações da irmandade.

– Irmãos, ainda bem que ela não atendeu aos meus reclames. Não era nada daquilo que eu estava pensando. O que acon-



tece é que o expediente terminou, e a delegada correu para os braços de seu novo amor, o Pedrão, professor de canto orfeônico que a esperava com sua motinho Honda, daquelas cinquentinhas, sabem? Nada mais do que isso, simples. Eu é que estava imaginando coisas. Beber cerveja de latinha dá nisso, mistura as ideias de qualquer um.

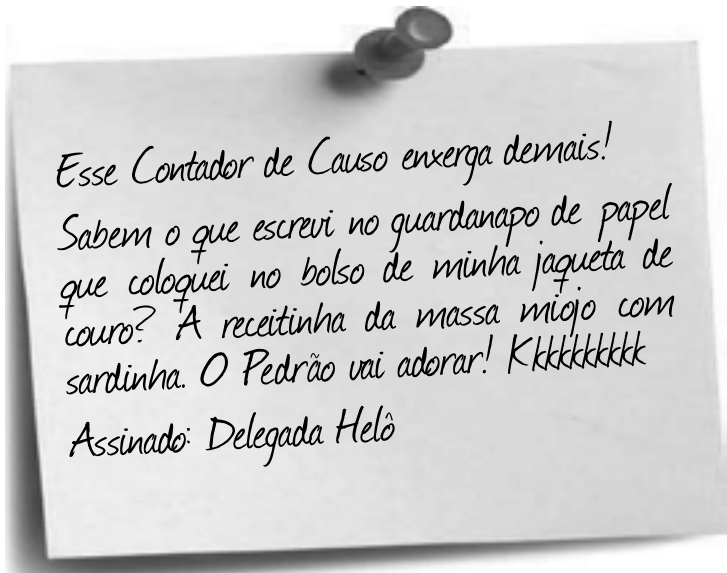
– E a Jurema? E a Jurema?

– Pessoal, pelo que eu soube mais adiante, a Jurema, mulher solitária e mãe solteira, era figura carimbada na delegacia. Seguidamente estava por lá contando a mesma história e tinha da delegada – que, humanitariamente, escutava seus destrambelhos –, principalmente, condescendência.

– Só isso?! Só isso?! Tivesse, então, deixado o Beto declamar “Duas almas!” – disse brabo o Berlusconi, o infiltrado do bar Oásis.

– Não digo? Nunca estão satisfeitos. Por favor, querem o quê? Causos do Machado de Assis? Que ele venha aqui tomar um trago com vocês? Chega por hoje.

Garçom, a saideira! Das de garrafa.



*Esse Contador de Causo enxerga demais!
Sabem o que escrevi no guardanapo de papel
que coloquei no bolso de minha jaqueta de
couro? A receitinha da massa miojo com
sardinha. O Pedrão vai adorar! Kkkkkkkkkk
Assinado: Delegada Helô*



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Miguel Guggiana
O Autor nasceu em
Uruguiana em 1948,
radicado em Passo
Fundo desde 1992. Com
formação em Administra-
ção de Empresas e
Ciências Contábeis atua
como empresário no
ramo imobiliário. Na área
da escrita considera-se
filho do Projeto.

O autor oferece seus escritos sem a preocupação de classificá-los como contos, crônicas, ou causos. São histórias, contadas a partir de um Bar imaginário, que pretendem remeter o leitor a priscas eras, ou a tempos idos, numa linguagem inesperada, permeada de saudosismos e ditos, livre de obrigações com a racionalidade, comprometida tão somente com o bom humor.



978-85-8326-067-7



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apóio à cultura